



**Catarina João da
Costa Campos**

**Os alunos internacionais na Universidade de Aveiro
– motivações e dificuldades.**



**Catarina João da
Costa Campos**

**Os alunos internacionais na Universidade de Aveiro
– motivações e dificuldades.**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas e Relações Empresariais, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Gillian Grace Owen Moreira, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

o júri

presidente

Prof.^a Doutora Ana Maria Martins Pinhão Ramalheira
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof.^a Doutora Maria Teresa Geraldo Carvalho
Professora Associada da Universidade de Aveiro (arguente)

Prof.^a Doutora Gillian Grace Owen Moreira
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora).

agradecimentos

Este trabalho de investigação só foi possível realizá-lo com a ajuda de várias pessoas. Em primeiro lugar, um especial agradecimento à minha orientadora Prof^a. Doutora Gillian Grace Owen Moreira, pelo seu profissionalismo, pelos seus conselhos sobre o tema e como explorá-lo, pela sua disponibilidade na marcação de reuniões e paciência ao longo deste percurso. Sem dúvida que as suas críticas e sugestões foram pertinentes para o trabalho ser concluído com sucesso.

Um profundo agradecimento aos meus docentes de Licenciatura e Mestrado com quem tive a honra de crescer, aprender e formar-me, enquanto aluna. Agradeço também, à minha diretora de curso Prof.^a Doutora Ana Maria Martins Pinhão Ramalheira pelo seu apoio e disponibilidade durante todo o percurso de mestrado.

Sem esquecer, um obrigada especial à minha tia Justa, pois sem a sua ajuda todo o meu percurso seria mais difícil.

Por fim, um obrigado à minha família, pelo apoio e ajuda, sempre presente nesta caminhada, da minha mãe, do meu pai, do meu irmão e da minha avó materna.

palavras-chave

Ensino Superior, Universidade de Aveiro, internacionalização, estudantes internacionais, motivações, dificuldades

resumo

O presente trabalho tem como principais objetivos compreender as motivações que levaram os alunos internacionais a escolher a Universidade de Aveiro (UA), e conhecer as suas dificuldades no seio desta instituição.

Cada vez mais, a internacionalização está presente nas Instituições de Ensino Superior (IES), tendo implicações no seu dia-a-dia. Esta traz benefícios académicos, culturais, financeiros e políticos para as instituições e também para os países de acolhimento. Neste sentido, as IES têm de estar preparadas o suficiente para receber estudantes oriundos de outros países, uma vez que existe cada vez mais diversidade cultural no seio académico, de forma a adaptarem-se a essas mudanças. Para isso, é necessário que tenham conhecimento das necessidades e motivações dos alunos internacionais, de forma a melhorar os seus serviços para a integração deste público, caso seja necessário. E, assim, possam atrair mais estudantes internacionais e deixar um marco na sua vida estudantil.

Este estudo indica que a UA é escolhida pelos estudantes internacionais principalmente pela sua boa reputação e pela sua oferta formativa. As questões linguísticas aparentam ser influentes, tanto ao nível de motivações, como de dificuldades, apontando para a necessidade de uma reflexão mais profunda. Além disso, as questões interculturais e organizacionais também são aspetos que merecem a atenção da UA.

keywords

Higher Education, University of Aveiro, internationalization, international students, motivations, difficulties

abstract

The main objectives of this dissertation are to understand the reasons that motivate international students to choose the University of Aveiro (UA) and to discover the difficulties they encounter in the institution.

Increasingly, internationalization is present in Higher Education Institutions (HEIs), with implications for all areas of institutional life. It brings academic, cultural, financial and political benefits to the institutions and to host countries. HEIs, however, must be well prepared to receive students from other countries, since there is greater cultural diversity within the academic world, and it is necessary to adapt to these changes. For this, institutions need to learn about the experiences of international students, and their needs and motivations, in order to improve, where necessary, their services for the integration of these students. In this way, they may both improve their current practice and attract more international students.

This study shows that the UA is chosen by international students principally for its good reputation and educational offer. Linguistic questions appear to be influential, both at the level of motivations and of difficulties, indicating the need for deeper reflexion. In addition, intercultural and organisational questions emerge as aspects that deserve the attention of the UA.

Índice

INTRODUÇÃO.....	3
PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....	7
1. INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR.....	7
1.1 Conceito	7
1.2 Internacionalização do Ensino Superior Europeu	12
1.3 Os Estudantes e a Internacionalização	13
1.4 Internacionalização do Ensino Superior em Portugal	19
PARTE II – A EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES INTERNACIONAIS NA UA.....	25
2. NATUREZA E OBJETIVOS DO ESTUDO.....	25
2.1 Objetivos	25
2.2 Metodologia	25
2.3 Público-Alvo	27
3. ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS	29
3.1 Análise das respostas ao Inquérito por Questionário em Língua Portuguesa	29
3.1.1 Dados Demográficos e Académicos	29
3.1.2 Fatores ou razões de prosseguir os estudos superiores no estrangeiro	34
3.1.3 Enquadramento Social/Institucional	38
3.1.4 Expectativas Futuras	45
3.2 Análise das respostas ao Questionário em Língua Inglesa	48
3.2.1 Dados Demográficos e Académicos	48
3.2.2 Fatores ou Razões de Prosseguir os Estudos Superiores no Estrangeiro.....	53
3.2.3 Enquadramento Social/Institucional	57
3.2.4 Expectativas Futuras	64
4. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	67
4.1 Motivações	68
4.2 Dificuldades	70
4.3 Recomendações para a UA	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
ANEXOS.....	85

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Inscrições de alunos por sexo do ano letivo 2000/2001 a 2016/2017	8
Tabela 2 - Número de alunos matriculados no ensino superior do ano 1978 a 2018.....	20
Tabela 3 - Conceitos utilizados no inquérito por questionário e respetivas fontes	26
Tabela 4 - Nacionalidades	67
Tabela 5 - Motivos de selecionar Portugal	69
Tabela 6 - Motivos selecionar a UA	70
Tabela 7 – Dificuldades sentidas na UA.....	71
Tabela 8 - Fatores positivos/negativos sobre viver em Aveiro	73

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Sexo e Idade	29
Gráfico 2 - Nacionalidades	30
Gráfico 3 - Estado civil.....	30
Gráfico 4 - Ciclo de Estudos.....	31
Gráfico 5 - Realização do Ensino Secundário	31
Gráfico 6 - Residência em Portugal antes da entrada na UA	32
Gráfico 7 - Início da formação na UA	32
Gráfico 8 - Área de Estudos.....	33
Gráfico 9 - Integração em programas de mobilidade	33
Gráfico 10 - A opção pela UA.....	34
Gráfico 11 - Membro de família que tenha frequentado a UA.....	34
Gráfico 12 - Membro familiar/amigo que reside em Aveiro	35
Gráfico 13 - Quantidade de opções selecionadas: razões por ter escolhido Portugal	35
Gráfico 14 - Razões por ter escolhido Portugal.....	36
Gráfico 15 - Quantidade de opções selecionadas: motivações.....	36
Gráfico 16 - Motivações	37
Gráfico 17 – Quantidade de opções selecionadas: meios de financiamento usufruídos	38
Gráfico 18 - Meios de financiamento usufruídos	38
Gráfico 19 – Tem bolsa de estudo	39
Gráfico 20 - Origem da bolsa de estudo	39
Gráfico 21 - Apoio por parte da UA ou da associação académica	40

Gráfico 22 - Quantidade de opções selecionadas: dificuldades encontradas na UA.....	40
Gráfico 23 - Dificuldades na UA.....	41
Gráfico 24 – Persistência das dificuldades	42
Gráfico 25 - Quantidade de opções selecionadas: dificuldades que persistem na UA.....	42
Gráfico 26 - Dificuldades que permanecem	43
Gráfico 27 - Conhecimento dos apoios fornecidos pela UA	43
Gráfico 28 - Apoios do conhecimento do aluno.....	44
Gráfico 29 - Integração dos inquiridos	44
Gráfico 30 – Gosto por Aveiro	45
Gráfico 31 - Insatisfação por Aveiro	46
Gráfico 32 – Intenção de ficar em Portugal.....	47
Gráfico 33 - Sexo e Idade	48
Gráfico 34 - Nacionalidades	49
Gráfico 35 - Estado Civil.....	49
Gráfico 36 - Ciclo de Estudos.....	50
Gráfico 37 - Realização do Ensino Secundário	50
Gráfico 38 - Residência em Portugal antes da entrada na UA	51
Gráfico 39 – Início da formação na UA	51
Gráfico 40 - Área de Estudos.....	52
Gráfico 41 - Integração em programas de mobilidade	52
Gráfico 42 - A opção pela UA.....	53
Gráfico 43 – Membro de família que tenha frequentado a UA	53
Gráfico 44 - Membro familiar/amigo que reside em Aveiro.....	54
Gráfico 45 - Quantidade de opções selecionadas: razões por ter escolhido Portugal	54
Gráfico 46 - Razões por ter escolhido Portugal.....	55
Gráfico 47 - Quantidade de opções selecionadas: motivações.....	56
Gráfico 48 - Motivações	56
Gráfico 49 – Quantidade de opções selecionadas: meios de financiamento usufruídos	57
Gráfico 50 - Meios de financiamento usufruídos	57
Gráfico 51 – Tem bolsa de estudo	58
Gráfico 52 - Origem da bolsa de estudo	58
Gráfico 53 – Apoio por parte da UA ou da associação académica	59
Gráfico 54 – Quantidade de opções selecionadas: dificuldades encontradas na UA	59

Gráfico 55 - Dificuldades na UA.....	60
Gráfico 56 – Persistência das dificuldades	60
Gráfico 57 – Quantidade de opções seleccionadas: dificuldades que persistem na UA	61
Gráfico 58 - Dificuldades que permanecem	61
Gráfico 59 – Conhecimento dos apoios fornecidos pela UA	62
Gráfico 60 – Apoios do conhecimento do aluno	62
Gráfico 61 – Integração dos inquiridos	63
Gráfico 62 – Gosto por Aveiro	64
Gráfico 63 - Insatisfação por Aveiro	65
Gráfico 64 – Intenção de ficar em Portugal.....	66

INTRODUÇÃO

No âmbito do Mestrado em Línguas e Relações Empresariais do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (UA), no ano letivo 2016-2017, foi elaborada a presente dissertação, com o título “Os alunos internacionais na Universidade de Aveiro – motivações e dificuldades”, na Unidade Curricular de Projeto/Dissertação/Estágio que se encontra integrada no currículo do referido mestrado.

A seleção do tema de estudo foi motivada pelas minhas vivências enquanto aluna nas residências universitárias da UA. Neste período, presenciei algumas dificuldades enfrentadas pelos estudantes internacionais ao nível da integração na comunidade estudantil. Ao mesmo tempo, desenvolvi laços e convivi com estudantes de nacionalidade estrangeira, principalmente estudantes oriundos da República Popular da China. Para além destas vivências, em contexto de aula, verifiquei que os colegas internacionais manifestavam problemas de integração na turma, condicionados, em parte, pelo idioma divergente.

Atualmente, este tema é pertinente pois a internacionalização está presente ao nível global nas instituições do ensino superior, que competem entre si, com o propósito de atrair mais estudantes internacionais (Bordean e Borza, 2013, p. 98). É uma realidade que beneficia as instituições de ensino superior e os países de acolhimento ao nível económico, político, sociocultural e académico. Com o passar dos anos as universidades têm um crescente número de estudantes internacionais de diversas nacionalidades nos seus *campi*. Como defende Costa (2019, p. 15), as universidades têm cada vez mais diversidade de culturas, exigindo flexibilidade e adaptação das mesmas.

O principal objetivo da internacionalização é o melhoramento da educação e da investigação, particularmente na preparação de uma sociedade intercultural e internacional em que se espera que diplomados, professores e alunos atuem (de Wit 2011, p. 20).

No que diz respeito às motivações dos públicos internacionais, para Costa (2019, p. 22), os estudantes de outros países, a escolher o destino para a realização dos seus estudos, consideram os seguintes fatores: se o país é pacífico, seguro e se oferece um bom acolhimento nas interações quotidianas. Além destes fatores, juntam-se outros relevantes para a seleção de um destino, tais como os custos de estudo e de vida, a qualidade de ensino e as experiências de outros estudantes que já realizaram o mesmo percurso.

No que diz respeito à internacionalização na UA, nos últimos anos esta tem vindo a reforçar o seu nível, alargando o volume de fluxos internacionais, e continuando a aumentar também

o leque de nacionalidades dos investigadores, estudantes e docentes internacionais que frequentam a instituição, fortalecendo assim a estratégia de criar uma academia internacional e multicultural. Em 2017 estavam presentes nos *campi* da UA 89 nacionalidades. O estatuto de estudante internacional criou um número de vagas próprias para os públicos internacionais na rede de instituições superiores portuguesas, marcando uma nova abertura do ensino superior português ao mundo, criando, também, desafios para as instituições ao nível dos seus serviços que asseguram a captação, integração e acompanhamento destes estudantes, assim como na gestão do ambiente de ensino e aprendizagem (Relatório de Gestão e Contas 2017, 2017, p. 12 e 59).

A presente dissertação tem como principal objetivo compreender as motivações que levaram os alunos internacionais a escolher a UA, e depreender quais são as suas dificuldades no seio desta instituição. Para complementar este estudo, pretende-se identificar alguns aspetos a desenvolver no funcionamento da instituição de forma a integrar melhor os estudantes internacionais. Para se concretizarem estes objetivos, realizou-se, em primeiro lugar, uma revisão de literatura, e seguidamente elaborou-se um inquérito por questionário, que foi enviado a todos os estudantes estrangeiros na UA (com exceção dos estudantes em mobilidade), um total de mil cinquenta e sete estudantes, no ano letivo 2016/2017. Foram elaboradas duas versões deste inquérito (ver anexos), uma em língua portuguesa e outra em língua inglesa, para facilitar o preenchimento do mesmo pelo público-alvo. Responderam ao inquérito sessenta estudantes, cujas respostas foram posteriormente tratadas e analisadas.

Esta dissertação é constituída por um total de quatro capítulos, organizados em duas partes, para além da introdução, considerações finais, referências bibliográficas e anexos. Na primeira parte, referente à contextualização teórica, efetuou-se uma revisão da literatura relevante, abordando-se no primeiro capítulo a globalização e a internacionalização do ensino superior, as motivações dos estudantes que procuram estudar no estrangeiro e as dificuldades que eles enfrentam, bem como os desafios colocados às instituições de ensino superior pela internacionalização, as estratégias utilizadas para a aquisição de um maior sucesso a nível mundial e o contexto de internacionalização no ensino superior em Portugal e na UA, incluindo a introdução do conceito de estudante internacional. O acolhimento dos públicos internacionais e os obstáculos que enfrentam para se integrarem no país e na instituição de acolhimento merecem especial destaque.

Na segunda parte da dissertação, encontra-se descrito o estudo empírico desenvolvido sobre a experiência dos estudantes internacionais na UA, dividida em três capítulos. No primeiro destes capítulos, apresenta-se a natureza do estudo, a identificação dos seus objetivos, a metodologia utilizada para a recolha de dados e a descrição da amostra, nomeadamente a caracterização do público-alvo (estudantes estrangeiros na UA). No próximo capítulo apresentam-se a análise e o tratamento dos dados recolhidos através do inquérito por questionário. A apresentação desta análise está dividida em dois pontos, o primeiro é a análise e tratamento de dados do questionário em língua portuguesa e o outro ponto é a análise e tratamento de dados do questionário em língua inglesa. No último capítulo, apresentam-se a interpretação e a discussão dos resultados obtidos. Os dados do questionário em português e em inglês são confrontados para identificar se existem diferenças entre os públicos, em termos das suas respostas ao inquérito. Este capítulo está dividido em dois pontos: o primeiro reporta-se às motivações que levou o público a escolher Portugal, mais concretamente a UA como instituição de acolhimento. No segundo ponto expõem-se as dificuldades que estes alunos enfrentaram e enfrentam na UA. Além disso, com base no estudo, foi possível identificar aspetos institucionais que poderão ser estudados para a instituição se tornar ainda mais eficaz enquanto instituição internacional.

Nas considerações finais, identificam-se os pontos fortes e pontos fracos desta investigação, bem como as recomendações que estes resultados podem contribuir para o bom funcionamento da UA e de outras instituições de ensino superior, enquanto instituições internacionais.

PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

1. INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Internationalization is changing the world of higher education, and globalization is changing the world of internationalization. (Jane Knight, 2008, p. 1)

1.1 Conceito

De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OECD, 2009, p. 13), o ensino superior estimula e é estimulado pela globalização. Prepara indivíduos altamente qualificados, incentivando a investigação e a inovação, que acabam por influenciar a competitividade na economia global. Contribui para a cooperação internacional e para o intercâmbio cultural.

Knight (1999, p. 204) refere que os termos “internacionalização” e “globalização” são vistos como conceitos diferentes, porém interligados. Pode-se considerar a globalização como um catalisador e a internacionalização como uma resposta, mas proativa. Sobre estes termos, Altbach, Reisberg e Rumbley (2009, p. 7) esclarecem que:

(...) Globalization, a key reality in the 21st century, has already profoundly influenced higher education. We define globalization as the reality shaped by an increasingly integrated world economy, new information and communications technology (ICT), the emergence of an international knowledge network, the role of the English language, and other forces beyond the control of academic institutions. Internationalization is defined as the variety of policies and programs that universities and governments implement to respond to globalization. These typically include sending students to study abroad, setting up a branch campus overseas, or engaging in some type of inter-institutional partnership.

de Wit e Uwe Brandenburg acrescentam que, com essa diferenciação, a “globalização” facilmente é considerada como “má” e a “internacionalização” como “boa” (de Wit, 2011, p. 9).

Knight defende que a internacionalização está a alterar o mundo do ensino superior enquanto que a globalização altera o mundo da internacionalização (2008, p. 1). A autora define a internacionalização da seguinte forma:

Internationalization at the national, sector, and institutional levels is defined as the process of integrating an international, intercultural, or global dimension into the purpose, functions or delivery of postsecondary education. (2004, p. 11)

Knight (2010, p. 216) propõe o seguinte pensamento:

(...) the internationalization of higher education is being fundamentally changed in reaction to and support of the competition agenda and market orientation. (..) it brings new opportunities, risks, benefits, and challenges. (...) In short, the double role of internationalization in furthering both cooperation and competition among countries is a new reality of our more globalized world (...).

De acordo com Bordean e Borza (2013, p. 98), as universidades em todo o mundo usufruem da internacionalização para competir entre si, com o objetivo de atrair mais estudantes internacionais. As mais famosas instituições de ensino superior estão a criar *campi* noutros países, contribuindo assim para a globalização do ensino superior. Um dos motivos para isto é o declínio significativo da população estudantil previsto até 2050, em países como Espanha, Portugal, antiga União Soviética e em várias nações do leste europeu (OECD, 2009, p. 287), tendência que já é visível em Portugal de acordo com os dados disponível na Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) (ver tabela 1).

Tabela 1 - Inscrições de alunos por sexo do ano letivo 2000/2001 a 2016/2017

Ano Letivo	2000/ 2001	2003/ 2004	2006/ 2007	2009/ 2010	2012/ 2013	2015/ 2016	2016/ 2017
Sexo							
Total	387.703	395.063	366.729	383.627	371.000	356.399	361.943
Homens	166.661	173.567	168.821	179.151	173.745	166.117	167.919
Mulheres	221.042	221.496	197.908	204.476	195.255	190.282	194.024

(Fonte: http://w3.dgeec.mec.pt/dse/eef/indicadores/Indicador_5_5.asp)

Como se pode observar na tabela 1, no intervalo de 2000/2001 a 2016/2017, inscreveram-se menos 25.770 estudantes nas universidades portuguesas, resultado em grande medida ao decréscimo populacional.

Com um ambiente global mais competitivo, ao nível da mão-de-obra qualificada, existe maior atração na circulação internacional de estudantes. Na Europa, as sociedades envelhecidas concorrem globalmente para possuírem os melhores talentos para ocupar as lacunas nas respetivas economias de conhecimento. Cada vez mais privilegiam-se graduados

com competências interculturais e globais obtidas através de ambientes internacionais (de Wit, 2011, p. 32).

Segundo Klemencic e Fried (2007, p.13), o ensino superior será transformado pelas alterações demográficas. A competição por estudantes entre universidades será mais forte, criando motivações para a integração de estudantes internacionais, levando as instituições de ensino superior a alinhar a sua estrutura organizacional e a sua oferta formativa, destacando as necessidades de uma população estudantil mais diversificada. Mizikaci e Baumgartl (2015, p. 15) acrescentam, ainda, que a distribuição geográfica da população, os fluxos migratórios e as taxas de natalidade regionais afetam as decisões sobre o custo da educação e do recrutamento de pessoal académico. Costa (2019, p. 15) defende que as universidades têm cada vez mais diversidade de culturas, exigindo flexibilidade e adaptação das mesmas.

O termo internacionalização é interpretado e utilizado de distintas formas em diferentes países e *stakeholders*, apresentando desafios em termos de desenvolvimento de um modelo conceptual que contribua com alguma clareza para o seu significado, e para o estabelecimento de princípios para guiar a política e a prática (Knight, 2004, p. 6). Trilokekar (2007, p. 9) acrescenta que, para além do termo internacionalização variar, dependendo de *stakeholders* e de diferentes países, também varia entre setor privado e sector público, entre instituições, e entre membros do corpo docente e discente.

Söderqvist (2007, p. 29) define a internacionalização como um processo de mudança de uma instituição nacional de ensino superior para uma instituição internacional, conduzindo a um envolvimento numa dimensão internacional em todos os aspetos de gestão holística, com o propósito de melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem e de conseguir alcançar as competências desejadas.

Deardorff (2004, p. 6) cita vários componentes-chave da internacionalização, tais como o fluxo de investigadores e estudantes, a experiência internacional da universidade, a integração de investigadores e estudantes internacionais, o ranking das instituições, as ligações institucionais globais, o curriculum internacional, as unidades curriculares internacionais, entre outros. O mesmo autor afirma ainda que com a internacionalização as universidades esperam alcançar uma competência global, para os estudantes e também para a instituição. De Wit, citado por Deardorff (2004, p. 8), defende que:

Os esforços da internacionalização destinam-se a permitir que a comunidade acadêmica tenha capacidade de apreciar, articular, compreender a realidade da interdependência entre nações e preparar os funcionários, estudantes e professores para que operem de forma internacional e em contexto intercultural.

Knight (1999, pp. 205-207) defende que as razões para a internacionalização do ensino superior podem ser divididas em quatro grupos: político, econômico, acadêmico e sociocultural. A razão política tem mais importância a nível nacional do que propriamente a nível institucional, uma vez que a educação internacional tradicionalmente é vista como uma ferramenta para a política externa, em particular, no que diz respeito à paz entre as nações e à segurança nacional. Quanto à razão econômica, uma forma eficaz de manter uma vantagem competitiva num país é desenvolver mão-de-obra altamente qualificada, assim ao nível nacional há uma ligação mais estreita entre a internacionalização do ensino superior, desenvolvimento tecnológico e econômico do país. Ao nível institucional, a razão econômica está a receber maior destaque, enquanto que as instituições de ensino superior são pressionadas a variar as suas fontes de financiamento e diminuir a sua dependência do apoio do governo. A razão acadêmica está ligada ao melhoramento do processo de aprendizagem, do ensino, ao alcance da excelência na pesquisa e em temas e tendências na internacionalização de atividades académicas. Por último, a razão sociocultural para a internacionalização altera conforme o impacto da globalização em diferentes contextos. Para países como a Indonésia e a Suécia, a título de exemplo, a conservação e promoção da cultura e da língua-mãe constituem uma forte motivação para a internacionalização do ensino superior. Segundo Knight (1999, p. 208), estes países consideram a internacionalização como uma forma de respeitar a diversidade cultural. Um elemento-chave para a internacionalização do ensino superior é o reconhecimento da diversidade cultural e da ética entre países.

Zolfaghari, Sabran e Zolfaghari (2009, p. 3) defendem outras razões para a internacionalização, nomeadamente paz e entendimento mútuo, crescimento econômico e competitividade, identidade cultural, desenvolvimento da cidadania, trocas comerciais, construção da nação, alianças estratégicas, recursos humanos, desenvolvimento sociocultural, segurança nacional e assistência técnica.

De acordo com Knight (2008, pp. 22-24) é possível observar dois pontos que conduzem à evolução da internacionalização do ensino superior. O primeiro ponto é a

“internacionalização em casa”, que inclui atividades que ajudam todos os estudantes a desenvolver competências interculturais e uma consciência mais internacional. Assim preparam-se estudantes mais ativos para um mundo cada vez mais globalizado. As atividades que a autora menciona, onde pode ser introduzida uma dimensão internacional, relacionam-se com o currículo e os programas, as atividades extracurriculares, as atividades académicas e de investigação, as ligações com grupos locais/éticos e os processos de aprendizagem e ensino. O segundo ponto é a “internacionalização no exterior” que abrange todas as formas de educação além-fronteiras, por exemplo, a mobilidade de docentes e discentes, a mobilidade institucional, os programas e os projetos.

Com o aumento da internacionalização, as IES incentivam os seus discentes a desenvolverem as suas competências interculturais para assim interagirem com diversos colegas e professores e aumentarem a sua experiência, com o propósito de se tornarem competitivos na economia global e saberem interagir e familiarizar-se em qualquer canto do mundo, ou seja, considerarem-se cidadãos globais. Dé Bryant defende que

A Global Citizen is a person with the ability to work, play and live somewhere other than the land of their birth...this person exhibits agency (is proactive and engaged in civic life) and primacy (has the capacity to make change happen). At the emotional and philosophical level, the global citizen considers herself to be transnational: committed to the human issues no matter in what nation state they occur (citado por Barker, 2011, p. 7).

Deardorff (2006, p. 254) explica na pirâmide modelo da competência intercultural, que a competência intercultural permite que um indivíduo comunique e se comporte de forma eficaz e adequada em situações interculturais, com base no seu conhecimento intercultural. Ainda de acordo com Barker (2011, p. 7), os discentes com habilidades interculturais mostram competências, atitudes e conhecimento necessários para enriquecer um mundo caracterizado pela mobilidade social e global, conexão económica, ambiental, política e cultural.

Existe uma maior procura de licenciados com estas competências, e a existência de uma crescente mobilidade transnacional do pessoal e dos estudantes e um aumento de oportunidades de intercâmbios internacionais e interculturais em áreas de aprendizagem, de investigação e ensino é o principal caminho para auxiliar os alunos a desenvolver as suas competências interculturais e internacionais (Barker, 2011, p. 16).

1.2 Internacionalização do Ensino Superior Europeu

O Processo de Bolonha teve um grande impacto no ensino superior, promovendo uma estrutura de graus e uma organização do ensino superior comparáveis entre países europeus, com vista à criação de um Espaço Europeu do Ensino Superior (EEES) e à facilitação da mobilidade e intercâmbio internacionais. Para Bastos (2007, p. 98), a assinatura da Declaração de Bolonha tinha como finalidade alcançar os seguintes objetivos: aumento da competitividade a nível internacional da educação superior europeia, melhor adaptação da formação dos diplomados europeus aos requisitos do mercado de trabalho e o desenvolvimento da mobilidade interna e externa de alunos. De Wit (2011, pp. 9-10) refere que na declaração de Bolonha e na Estratégia de Lisboa de 2000¹, os processos de internacionalização são a cooperação e a concorrência. Por um lado, ambas as dimensões enfatizam que deveria existir uma maior colaboração para aumentar a área europeia para a investigação e o ensino superior: “A Europe of Knowledge”; por outro lado, há uma maior ênfase no argumento de que essa colaboração era necessária para enfrentar a concorrência do Japão, dos Estados Unidos da América (EUA) e, cada vez mais, da China, bem como de outras economias emergentes. A razão da integração dos sistemas nacionais de educação superior num único sistema deve-se ao facto de as instituições do ensino superior assumirem a responsabilidade de preparar a mão-de-obra apropriada para qualquer país europeu (Serafim, 2011, p. 251). Mosneaga e Agergaard (2012, p. 523) acrescentam, ainda, que a mobilidade internacional de estudantes na Europa, bem como a mobilidade de estudantes de outros países para a Europa, é fundamental para reforçar a competitividade da mesma na economia do conhecimento.

Para de Wit (2011, p. 8), a internacionalização do ensino superior europeu tem um desenvolvimento positivo, interativo, proativo, explícito e coordenado estrategicamente em parcerias multilaterais, focado no mundo fora da Europa e com mais atenção dada à internacionalização da oferta curricular e à garantia de qualidade da internacionalização.

De acordo com a Comissão Europeia (2006, p. 11), as instituições de ensino superior necessitam de ser transformadas em agentes independentes de internacionalização, para

¹Segundo o Centro de Informação Europeia Jacques Delors (2017), “A Estratégia de Lisboa consiste numa resposta aos desafios da globalização e do desenvolvimento da sociedade do conhecimento preconizando a transição da sociedade industrial, baseada na produção em massa, para a sociedade onde a informação e o conhecimento se transformaram no recurso estratégico”.

estarem aptos a competir num mercado globalizado e poderem atuar como “atores chave” no futuro da Europa, como um todo. Segundo um relatório à Conferência Mundial da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) acerca do Ensino Superior realizado por Altbach, Reisberg e Rumbley (2009, p.IV):

Universities have always been affected by international trends and to a certain degree operated within a broader international community of academic institutions, scholars, and research. Yet, 21st century realities have magnified the importance of the global context. The rise of English as the dominant language of scientific communication is unprecedented since Latin dominated the academy in medieval Europe. Information and communications technologies have created a universal means of instantaneous contact and simplified scientific communication. At the same time, these changes have helped to concentrate ownership of publishers, databases, and other key resources in the hands of the strongest universities and some multinational companies, located almost exclusively in the developed world.

de Wit (2011, p. 77) faz uma comparação entre o desenvolvimento da internacionalização nos EUA e na Europa. Entre muitas comparações, ele refere que no final da Segunda Guerra Mundial a internacionalização dominava nos EUA. Por sua vez, na Europa, só se tornou importante como parte do processo europeu de integração económica e política, tendo sido estimulada por fundamentos de competição económica.

1.3 Os Estudantes e a Internacionalização

Nesta secção expõem-se os motivos que levam os estudantes a procurarem uma experiência de estudo no estrangeiro e o que influencia a sua escolha de uma determinada instituição. Abordam-se, ainda, algumas dificuldades que estes estudantes enfrentam e as instituições que os acolhem, bem como estratégias implementadas e recomendadas.

Segundo os autores Mazzarol e Soutar (2001, p. 4), os estudantes optam por estudar noutros países porque o seu país de origem impulsiona-os e também os próprios países anfitriões operam de forma a atrair estudantes internacionais. As motivações que levam a optar pelo ensino internacional são diversas, nomeadamente estudar fora de casa, e características do país, da cidade, da oferta formativa e da instituição de ensino superior (Pimpa, 2005, p. 437). De acordo com Roga, Lapina e Müürsepp (2015, p. 926), um dos aspetos que os estudantes têm em conta ao escolher a instituição de ensino superior é a sua qualidade. Esta é afetada por diversos fatores, tais como a oferta formativa, o corpo docente, os serviços de apoio ao estudante, entre outros. Costa (2019, p. 22) defende que, ao escolher uma universidade

noutro país, os estudantes internacionais consideram os seguintes fatores: se o país é acolhedor, pacífico e seguro. Além destes fatores, existem outros que são considerados relevantes e tomados em conta por este público, tais como: a qualidade de ensino, os custos de estudo e de vida e as experiências de outros estudantes que seguiram os mesmos passos. Também o fator familiar influencia a escolha de frequentar o ensino superior fora do país de origem, condicionando o comportamento de duas formas. Em primeiro lugar, afeta as ambições do estudante. Quando um membro da família percebe que o outro tem uma educação superior ou possui um *status* ao nível de trabalho, o primeiro pode sentir-se desvalorizado e insatisfeito com as suas conquistas. Em segundo lugar, os familiares podem influenciar o comportamento dos outros, por meio de padrões familiares já estabelecidos e aceitáveis (Pimpa, 2005, pp. 433-434).

Um estudo reportado por Mazarrol e Soutar (2001, p. 13) com estudantes australianos revelou os fatores que influenciaram a atração por uma determinada universidade, tais como:

- A reputação da instituição;
- Parcerias da instituição com outras instituições conhecidas do aluno;
- Número de estudantes matriculados;
- Se a universidade se encontra disposta a reconhecer as qualificações do aluno;
- Corpo docente e não docente de qualidade;
- Recomendações realizadas por antigos alunos da instituição.

Chegados ao país e à instituição da sua escolha, os alunos internacionais podem enfrentar diversas dificuldades, nomeadamente económicas e financeiras, problemas interpessoais, perda de apoio social, saudades da terra natal, alienação e barreiras linguísticas e culturais (Yeh e Inose (2003, p. 16). Sherry, Thomas e Chui (2010, p. 34) acrescentam que os alunos estrangeiros normalmente são muito solitários num novo ambiente. Essa solidão não advém só da falta de amigos, das redes sociais e dos familiares, mas também da privação do seu idioma. Doran Zar (2009, p. 6) acrescenta que os estudantes internacionais enfrentam problemas, tais como, nostalgia, solidão, discriminação, preconceito, problemas linguísticos e culturais. Segundo Sümer, Poyrazli e Grahame (2008, p. 436), uma instituição de ensino superior acolhedora que aposta num ambiente comunitário pode influenciar a saúde mental dos estudantes internacionais.

De acordo com Smith e Khawaja (2011, p. 702) encontra-se no ambiente educacional vários fatores de *stress* de aculturação. Todos os estudantes universitários enfrentam o *stress* acadêmico, contudo este tipo de *stress* é mais intensificado em estudantes internacionais causado pela adaptação a um novo ambiente educacional e à ansiedade na utilização de outra língua que não a materna. Para Sümer et al., (2008, p. 431) existem outras variáveis que afetam os níveis de adaptação e aculturação de estudantes internacionais para uma nova cultura. As variáveis podem ser ao nível do apoio social, a etnia, o género, o padrão de contacto social, a idade, o período de permanência e a competência ao nível do inglês.

O desempenho académico dos estudantes internacionais pode ser inferior às suas próprias expectativas devido à adaptação a um ambiente social, cultural e educacional e de estudar uma segunda língua, enfrentando, assim, uma baixa confiança no domínio do seu novo ambiente (Chen, 1999, pp. 52-53). Por outro lado, os estudantes internacionais, mesmo não tendo problemas de idioma, preferem estar em grupos de trabalho com pessoas do seu país. Fora de contexto de aula, os discentes interagem, essencialmente, com estudantes do seu país de origem ou em caso de estudantes estrangeiros com outros estrangeiros impedindo uma integração plena (Gregersen-Hermans, 2015, p. 75).

Para Mori (2000, p. 143), os estudantes internacionais são vistos como um grupo que têm vários pontos importantes em comum, designadamente o comportamento em encontrar ajuda, as questões de ajuste cultural e o tipo de *stress* de aculturação. Estes dependem de vários fatores como a orientação sexual, o estado civil, a origem linguística e religiosa, a ética, a idade, o género e a área de residência. Na perspetiva de Thomson, Rosenthal e Russell (2006, p. 7), os estudantes internacionais que se encontram muito distantes do seu país de origem, ao nível cultural, o *stress* torna-se num obstáculo para o seu bem-estar. Estes demonstram sentimentos de angústia, desarticulação e desconforto. A saudade que sentem da família e de amigos é um sentimento que a maioria dos estudantes padecem. De acordo com Hanassab (2006, pp. 168-170), os estudantes internacionais sofrem de discriminação pelos colegas de aula, docentes, funcionários e sociedade.

Poyrazli e Lopez (2007, p. 263) defendem que um estudante internacional europeu sofre menos discriminação do que estudantes internacionais de outros países não pertencentes à Europa. Li e Kaye (1998, p. 48) também consideram que em geral as dificuldades que os estudantes do continente asiático e de países em desenvolvimento são maiores do que as dos estudantes da Europa Ocidental. As diversidades de género e de idade também afetam as

percepções dos alunos sobre os problemas encontrados. Um estudo realizado indica que os alunos do sexo feminino têm mais sentimentos de isolamento do que os do sexo masculino. Além disso, os problemas financeiros são identificados como principal prioridade pelos estudantes.

De acordo com Sherry et al., (2010, p. 35 e 44), a experiência de estudar fora do seu país de origem pode ser prejudicial para estudantes que sofrem de racismo, falta de compreensão, barreiras culturais e linguísticas, exclusão social, assim como outros problemas, como por exemplo a saudade do país natal. Os autores acrescentam, ainda, que estudantes que não recebem apoio económico, cultural e social estão mais vulneráveis à exclusão social ou à exploração. Um estudo realizado na Universidade de Toledo refere que muitos problemas que os estudantes internacionais enfrentam nesta instituição são as dificuldades de adaptação à nova cultura, preocupações ao nível económico e saúde, questões de linguagem, falta de inclusão da comunidade e compreensão cultural. Por último, Doron Zar (2005, p. 1) menciona que a maioria dos estudantes internacionais opta por voltar ao seu país de origem depois do término dos seus estudos.

Ramphele (1999, p. 1) acrescenta que muitas das razões para o país ou uma universidade incentivar os estudantes internacionais são os benefícios académicos, financeiros, culturais e políticos, não só para a instituição de ensino superior, mas também para o país de acolhimento. Um dos benefícios principais é o facto de as universidades formarem alunos com grau académico e conhecimentos, competências e atitudes suficientes para servirem ou liderarem um mundo multicultural e multinacional (Deardorff, 2004, p. 12).

Neste contexto, as instituições europeias têm continuado a envolver parcerias internacionais ao nível da investigação e educação, aumentando a mobilidade internacional dos alunos, de forma a existir um aumento da população estudantil internacional (Gregersen-Hermans, 2015, p. 74). A importância atribuída pelas instituições à internacionalização tem obrigado o setor a delinear estratégias. Stromquist (2007, p. 100) defende que as estratégias para a internacionalização começam por um esforço acrescido de recrutamento de estudantes internacionais e de pessoal docente internacional, uma maior ligação entre instituições em decisões e estratégias que influenciam as questões de currículo, seleção de professores, estudantes e do ato de governar. Siufi (2009, p. 124) cita outras estratégias, em particular a mobilidade e o intercâmbio de estudantes e docentes, o desenvolvimento curricular, a capacidade de transferência de conhecimento tecnológico e científico para o mercado de

trabalho, o controlo de critérios de qualidade académica, a cooperação entre o desenvolvimento regional e institucional e a capacidade de transferência do conhecimento tecnológico e científico para o mercado de trabalho.

A União Europeia defende três categorias de ações que deveriam estar nas estratégias da internacionalização do ensino superior:

- Promover a mobilidade internacional de investigadores, estudantes, pessoal não docente e professores;
- Promover a internacionalização e o desenvolvimento dos *curricula* e da aprendizagem;
- Incentivar a cooperação estratégica, o reforço das capacidades institucionais e as parcerias (MEC 2014, p. 11).

Agnew e Van Balkom (2009, p. 451) defendem que para os estudantes desenvolverem certas competências profissionais e académicas, que sejam capazes de responder em contexto “sem fronteiras” precisam de estar em contacto com outras culturas, línguas e nações. Mosneaga e Agergaard (2012, p. 519) afirmam que a mobilidade internacional de estudantes se torna numa estratégia de carácter económico importante para a União Europeia e para os governos nacionais, pois criam riqueza no país de acolhimento.

As universidades também enfrentam desafios relacionados com a integração de alunos internacionais numa comunidade de alunos nacionais, dentro e fora do contexto de aula, por causa de estereótipos, de questões relacionadas com a língua, do desejo de isolar-se no seu grupo cultural e da falta de conhecimento sobre os colegas de turma culturalmente diferentes. Segundo Brandley (2000, pp. 430-431), as universidades para darem uma resposta às necessidades dos estudantes internacionais devem efetuar um conjunto de procedimentos e políticas proativas. A instituição de ensino superior beneficia, ao nível económico e cultural, em ter uma população internacional feliz e bem ajustada. Para além disso, uma instituição diversificada fornece aos seus membros uma visão global de conhecimento e proporciona competências para serem produtivos num ambiente multicultural (Hanassab, 2006, p. 170). Brandley (2000, p. 431) sublinha a importância da receção de estudantes internacionais, que não deve ser excessivamente burocrática e formal, mas acolhedora e calorosa. Existem instituições que indicam tutores para serem responsáveis pelos estudantes internacionais dentro de cada departamento.

Uma parte essencial das estratégias corporativas das instituições de ensino superior é o desenvolvimento de uma identidade internacional e global. Contudo, esse objetivo não será realizado até que pessoal não docente, discentes e docentes da instituição de acolhimento abracem uma identidade corporativa multicultural. Um grupo de estudantes internacionais bem ajustados e bem-recebidos têm um contributo essencial para atingir esse objetivo (Brandley, 2000, p. 431).

Um estudo realizado por Sherry et al., (2010, pp. 44-45) identifica várias recomendações para responder às necessidades dos estudantes internacionais na Universidade de Toledo, nos EUA, que podem ser aplicáveis noutras instituições de ensino superior. Uma das recomendações está relacionada com o envolvimento dos alunos internacionais no campus, em que a instituição dinamiza/propõe atividades que envolvam a instituição, a comunidade local e os estudantes internacionais. Os estudantes locais propõem iniciativas, designadamente como ter uma “Semana Internacional de Estudantes” na universidade, onde estudantes internacionais e organizações comunitárias locais podem vender ou exhibir aspetos da sua cultura. Além disso, o jornal das universidades poderia ter relatos acerca dos alunos internacionais. Os mesmos podem também realizar palestras gratuitas acerca da sua cultura. Outra recomendação deste estudo é a criação de espaços físicos com técnicos especializados para os estudantes internacionais pedirem ajuda na resolução de problemas ao nível financeiro ou de integração. Quanto ao nível das competências da língua local, podem ser motivados a inserirem-se num grupo de conversação informal, como forma de melhorar as suas habilidades e confiança, e, por último, a sugestão da criação de um clube social para estabelecer uma melhor ligação entre estudantes internacionais e locais, tendo o principal foco a melhoria de competências de comunicação verbal e interações sociais informais de estudantes.

O processo de internacionalização das instituições de ensino superior tem várias implicações, tais como a mobilidade de estudantes, o *staff*, a oferta formativa em línguas estrangeiras, o desenvolvimento de programas em associação com universidades de todo o mundo, projetos de investigação de abrangência internacional (Schwald, 2012, p. 44). Apresenta também desafios para as instituições, nomeadamente no que concerne o corpo docente. Segundo Quezada (2010, p. 1), um obstáculo que se tornou prejudicial para os estudantes internacionais é a existência de um corpo docente que não se encontra preparado para trabalhar com públicos internacionais com a finalidade de promover o desenvolvimento

de competências globais. Para combater esse obstáculo é essencial investir numa mentalidade mais intercultural e internacional dos docentes e outro pessoal, disponibilizando formação e promovendo a participação em missões internacionais.

Para as instituições de ensino superior é fundamental existir a diversidade, tornando as universidades mais enriquecedoras, visto que os estudantes internacionais provêm de meios para diversificar o campus universitário. Como resposta à discriminação e à marginalização enfrentadas muitas vezes pelos estudantes internacionais, Hanassab (2006, p. 170) propõe a promoção da comunicação intercultural enquanto força para a tolerância entre pessoas de diferentes valores e costumes, desta forma é possível contribuir para a construção de um maior respeito entre diferentes populações e a solidificação da comunidade global.

1.4 Internacionalização do Ensino Superior em Portugal

O ensino superior em Portugal encontra-se organizado num sistema binário que inclui o ensino politécnico e o universitário, sendo ministrado em instituições públicas e privadas (DGES, 2019). O ensino universitário inclui os institutos universitários, as universidades e outros estabelecimentos de ensino universitário. Quanto ao ensino politécnico, o sistema compreende os institutos politécnicos e outros estabelecimentos de ensino. No ano letivo 2017/2018, a rede de instituições públicas do ensino superior tinha cerca de 83 universidades e 101 institutos politécnicos. Já a rede de instituições privadas abrangia 42 universidades e 64 institutos politécnicos (DGEEC, 2018).

Nos últimos 40 anos houve uma grande expansão do ensino superior em Portugal. Pode-se observar esse crescimento na tabela 2, com dados retirados da plataforma PORDATA. Nos últimos 40 anos houve um crescimento de 291.171 indivíduos no ensino superior.

Tabela 2 - Número de alunos matriculados no ensino superior do ano 1978 a 2018

Sexo	Anos						
	1978	1980	1990	2000	2010	2017	2018
Masculino	47.517	45.370	68.123	162.524	179.151	167.919	172.235
Feminino	34.065	35.549	89.746	211.221	204.476	194.024	200.518
Total	81.582	80.919	157.869	373.745	383.627	361.943	372.753

(Fonte: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>)

Nas últimas décadas, os governos começaram a promover a internacionalização do sistema de ensino, apoiando o desenvolvimento do ensino superior nos países falantes da língua portuguesa, e, por outro lado, criando vínculos com universidades dos países da União Europeia. De acordo com Rosa, Veiga e Amaral, os estudantes das antigas colónias africanas escolhem Portugal como primeira opção quando consideram estudar no exterior (2004, p.140). Portugal enfrenta alguns obstáculos ao nível das políticas internacionais e europeias para a internacionalização do sistema do ensino superior. Um desses obstáculos é o idioma pois, apesar de ser a 4.^a língua mais falada no mundo, é uma das línguas menos faladas na Europa. Outro fator está relacionado com o facto de não ser um país rico e os custos inerentes à mobilidade dos investigadores, alunos e professores tornam-se difíceis de suportar (Rosa *et al.*, 2004, p. 140 e 161).

Para captar cada vez mais alunos internacionais, as instituições de ensino superior têm de tornar-se numa referência no processo de afirmação do ensino superior português a nível internacional. É essencial o crescimento nos rankings internacionais, que têm um papel importante de credibilização da estratégia de internacionalização das universidades, visto que regem por critérios como, por exemplo, a produção científica, a proporção de estudantes internacionais, a reputação entre empregadores, a qualidade do ensino e a reputação académica. As universidades têm apostado não só na internacionalização do corpo discente, mas também na contratação de docentes do mercado internacional, porque dá mais prestígio à instituição (AICEP- Portugal Global; 2017, pp. 6-7).

Numa entrevista dada à revista “Portugal Global”, n.º 97, Manuel Assunção, na altura Reitor da Universidade de Aveiro e Presidente da Comissão Especializada de Internacionalização do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP)², afirma que o ensino superior sente no seu quotidiano os resultados da globalização, e, por essa razão, as IES têm o dever de fazer a revisão dos seus processos, das suas estratégias e por último do seu posicionamento. Na perspetiva da atração de discentes, docentes, investigadores e trabalhadores, a internacionalização do ensino superior opera num contexto concorrencial e livre, em que as instituições e os indivíduos optam pelo que é oferecido, de acordo com a qualidade e as condições propostas (Assunção, 2017, p. 7):

O desenvolvimento de uma estratégia coordenada entre as autoridades e as universidades que permita afirmar Portugal no mundo como um país que acrescenta valor à economia internacional. Essa estratégia passa por dar maior autonomia às escolas, que deverão reorganizar-se internamente para conseguirem dar uma oferta de qualidade aos alunos estrangeiros e, assim, garantir receitas de exportação com impacto na economia nacional. (Assunção, 2017, p. 21).

É essencial a definição de uma estratégia nacional e uma aposta na expansão da oferta formativa, na mobilidade e no ensino à distância. Constata-se que a língua portuguesa é determinante nas competências das universidades portuguesas que têm de serem valorizadas na estratégia de internacionalização, não só para atrair estudantes dos países na área da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), mas também para atrair estudantes oriundos de outras zonas geográficas, interessados na aproximação de uma cultura distinta, de uma língua diferente, de um instrumento de ciência ou de um negócio. Por sua vez, identifica-se a proficiência multilinguística como uma das competências globais importantes para a introdução de Portugal na economia global, aconselhando-se a expansão de oferta de cursos de inglês e uma melhor preparação linguística dos estudantes portugueses. Como acontece noutros países, é necessária uma gestão de meios dedicados à divulgação do ensino superior, como, por exemplo, a representação em feiras, a criação de um portal, entre outros (MEC, 2014, pp. 11-12).

² “Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) é uma entidade de coordenação do ensino universitário em Portugal e integra como membros efetivos o conjunto das Universidades públicas, o ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa e a Universidade Católica Portuguesa, num total de 15 instituições de ensino superior, procurando nesta medida constituir um núcleo de representatividade significativo de uma parte importante do sistema nacional de Ensino Superior”.

A 10 de março de 2014 foi aprovado o Decreto-Lei n.º 36/2014 que consiste na introdução do estatuto de estudante internacional. Um estudante internacional é estrangeiro, é aquele que não tem nacionalidade portuguesa, não residiu em Portugal há mais de dois anos, de forma ininterrupta e que não se encontra a frequentar uma IES portuguesa no âmbito de um programa de mobilidade. Estudantes de países de expressão portuguesa com protocolo com Portugal e estudantes de estados membros da União Europeia não integram o estatuto. Podem realizar os seus estudos em Portugal, mas não como “estudante internacional”, sendo abrangidos por outros regimes (Decreto-Lei n.º 36/2014, pp. 1818-1819). Em suma, este decreto-lei veio formalizar uma política nacional acerca da internacionalização do ensino superior, permitindo às instituições angariar estudantes internacionais e fixar propinas mais elevadas.

Este estudo realiza-se com os estudantes internacionais da UA. Neste público são incluídos todos os estudantes de grau não portugueses que frequentam esta instituição não abrangendo os estudantes de mobilidade. A UA é considerada uma das melhores universidades públicas em Portugal, bem posicionada nos rankings internacionais, e que oferece excelentes condições para o estudo e a investigação. É uma instituição abrangente, oferecendo cursos superiores politécnicos e universitários, conferente e não conferente de grau, em diversas áreas, nomeadamente: Artes e Humanidades, Ciências da Engenharia e Tecnologia, Ciências Económicas e Sociais, Ciências Exatas e Naturais, Ciências e Tecnologias de Saúde e Educação (UA, 2019). Como as outras IES em Portugal, a UA está empenhada no desenvolvimento da internacionalização, na atração e acompanhamento de estudantes internacionais. Neste sentido, encontra-se uma ligação dedicada a estudantes internacionais na página oficial da instituição onde os alunos poderão encontrar várias informações. Dispõem, também, de serviços de apoio, como por exemplo ao estudo, à pedagogia, apoio informático e à integração profissional e assistência médica. A UA possui residências e uma listagem de alojamento certificado em Aveiro. Encontra-se, também, na página da instituição um tópico dedicado à cidade de Aveiro onde se disponibiliza uma pequena estimativa do custo de vida de um aluno internacional, ao nível do alojamento, alimentação e outras despesas. Por último, existe informação acerca do procedimento de candidatura de acesso e também de vistos e seguros (Universidade de Aveiro, 2017).

De acordo com uma entrevista publicada na “Linhas”, Revista da Universidade de Aveiro, em dezembro de 2017, Manuel António Assunção, reitor em exercício na altura, defende

que a UA é atualmente considerada líder em várias áreas, tendo capacidade de servir a região e o país, reconhecida internacionalmente e dotada de um ótimo ambiente humano e físico. A UA aposta cada vez mais na atração de estudantes internacionais e também numa política de estágios que origina múltiplos meios de relação com o mundo exterior (Assunção, 2017, p. 28). Nesta entrevista, o antigo reitor frisa que as melhores universidades são as mais internacionais, apontando a internacionalização como um contributo para uma transfiguração contínua da Universidade. Para além das oportunidades para realizar um período de mobilidade para o estrangeiro, pode-se ter uma experiência “internacional” dentro do campus. Num contexto cada vez mais internacional, todos têm oportunidade de entrar em contacto com pessoas de diferentes culturas e línguas, desenvolvendo o seu repertório linguístico-cultural e alargando os seus horizontes. Para os alunos é essencial estar em contacto com pessoas de outros países porque as mesmas adquirem capacidades de compreender e de se adaptarem a outros ambientes, o que é fundamental para um próspero futuro profissional. Para finalizar, o antigo reitor sublinha que a internacionalização é determinante no enriquecimento individual da pessoa e um contributo muito importante para a paz no mundo, já que no dia em que as pessoas forem capazes de se colocar no lugar do outro as guerras e os conflitos serão menos prováveis (Assunção, 2017, p. 31).

PARTE II – A EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES INTERNACIONAIS NA UA

Na Parte II da dissertação, dividida em dois capítulos, apresentar-se-á o estudo empírico realizado com estudantes internacionais da UA. No primeiro capítulo definem-se a natureza e objetivos de estudo, a metodologia utilizada para a recolha e análise de dados e a descrição da amostra. No segundo capítulo proceder-se-á à análise e interpretação dos resultados recolhidos.

2. NATUREZA E OBJETIVOS DO ESTUDO

Como foi exposto no Capítulo 1, a internacionalização do Ensino Superior está cada vez mais presente a nível global, criando novos desafios às instituições e alterando significativamente a composição e a experiência dos seus públicos. Neste contexto, torna-se relevante identificar e refletir sobre as motivações dos alunos internacionais e os eventuais obstáculos que estes enfrentam nas IES.

2.1 Objetivos

Assim, os objetivos principais deste estudo focam-se na deteção das dificuldades que os alunos de outros países enfrentam na UA, e na identificação das motivações que levam os alunos internacionais a escolher esta universidade. A seleção do tema deveu-se ao interesse pela vida dos estudantes internacionais e das suas experiências, bem como pela identificação dos obstáculos que enfrentam na instituição de acolhimento.

2.2 Metodologia

A metodologia adotada nesta investigação foi a aplicação de um inquérito por questionário para a obtenção de um maior número de respostas. Baseia-se num estudo de investigação quantitativa.

Este inquérito (ver anexos) foi elaborado com base em revisão da literatura e foi validado por especialistas na área antes do seu envio. Foi realizado em duas línguas, tendo uma versão em português e outra em inglês. Este instrumento de recolha de dados é composto por um conjunto de 34 perguntas, constituído por perguntas de escolha múltipla, de escala e respostas abertas, dividido em quatro secções com diferentes funções. Na primeira parte recolhem-se dados sociodemográficos do público-alvo, tais como o sexo; idade;

nacionalidade; ciclo de estudos; realização do secundário; se já residia em Portugal, ano letivo de ingresso na UA e se frequentou algum programa de mobilidade. Na segunda parte averigam-se os fatores ou razões de prosseguir os estudos superiores no estrangeiro, ou seja, se a UA foi a primeira opção, algum membro familiar/amigo frequentou a UA e os motivos por ter escolhido Portugal e a UA. Na terceira parte, referente ao enquadramento social/institucional apura-se se os estudantes internacionais beneficiaram de algum apoio, quais as dificuldades sentidas e o nível de integração que percecionam na UA. Na quarta e última parte que foca as expectativas futuras dos respondentes averigua-se se os estudantes pretendem ficar no país de acolhimento ou retornar ao país de origem.

Este inquérito, por questionário, foi enviado aos alunos através dos Serviços de Comunicação, Imagem e Relações Públicas da UA para garantir a confidencialidade e anonimato dos dados. O seu preenchimento foi voluntário e as respostas fornecidas são anónimas.

A tabela 3 foi elaborada com base na revisão da literatura e sistematiza a relação entre as perguntas que constam no inquérito e um conjunto de conceitos que afetam os estudantes internacionais. Nestes conceitos incluem-se os seguintes parâmetros: os fatores familiares que relacionam-se com a distância de casa e os padrões familiares; as motivações que envolvem as razões académicas, financeiras, culturais e políticas, a oferta formativa e a instituição do ensino superior; o apoio académico/social que integra os apoios pedagógico e financeiro; a nostalgia e discriminação abrange a solidão, o preconceito, o afastamento e a saudade; a saúde inclui os problemas a nível psicológico/mental; os problemas linguísticos/culturais envolvem as barreiras linguísticas e a integração social; as perspetivas futuras incluem o retorno ao país de origem e a adaptação à cidade de acolhimento.

Tabela 3 - Conceitos utilizados no inquérito por questionário e respetivas fontes

Conceitos	Questões do Questionário	Fontes
Fatores familiares	Algum membro da sua família frequentou a Universidade de Aveiro?; Se sim, qual o seu grau de parentesco (Ex: mãe, pai, irmã...?)	Pimpa (2005)
Motivações	Quais as motivações que o levaram a selecionar a Universidade de Aveiro como opção?	Ramphele (1999); Doran Zar (2009); Pimpa (2005); Sherry, Thomas e Chui (2010)
Apoio académico/social	Atualmente, quais os meios de financiamento de que usufrui?; À chegada a Portugal recebeu algum apoio por parte da instituição ou da associação académica da Universidade?	Yeh e Inose (2003); Sherry, Thomas e Chui (2010).

Solidão, Discriminação	Quais foram/são as dificuldades que encontrou/encontra como estudante da Universidade de Aveiro	Sherry, Thomas e Chui (2010); Yeh e Inose (2003); Doron Zar (2009)
Saúde	Quais foram/são as dificuldades que encontrou/encontra como estudante da Universidade de Aveiro	Sümer, Poyrazli e Grahame (2008)
Problemas linguísticos e culturais	Se não, qual motivo para a sua insatisfação?	Yeh e Inose (2003); Doron Zar (2009); Sherry, Thomas, Chui (2010); Erlenawati Sawir (2005)
Perspetivas futuras	Depois de terminar os estudos pretende ficar em Portugal?	Doron Zar (2009)

2.3 Público-Alvo

De acordo com a legislação portuguesa, os estudantes internacionais da Universidade de Aveiro são aqueles que não possuem nacionalidade portuguesa, não residem legalmente em Portugal de forma contínua há mais de dois anos, em 31 de agosto do ano que pretendem ingressar na UA, não são cidadãos nacionais de um Estado da União Europeia, mas são titulares de um diploma do ensino secundário ou equivalente que no país de origem possibilita o ingresso no ensino superior. Para além dos estudantes internacionais, fazem parte do público-alvo deste estudo, estudantes de grau de nacionalidade estrangeira oriundos de países com outros regimes de entrada no ensino superior português. Não fazem parte deste grupo alunos que estejam em Portugal ao abrigo de programas de intercâmbio de estudantes, designadamente Campus Europae, Erasmus, entre outros (UA, 2017).

Assim, o inquérito foi enviado, no mês de julho de 2017, a um total de mil cinquenta e sete estudantes internacionais, inscritos na UA em todas as áreas de estudo, no ano letivo 2016-2017. Os respondentes deste questionário são alunos que não estão em programas de mobilidade e que não têm nacionalidade portuguesa. Como já foi referido, este inquérito tinha a opção de resposta em inglês ou em português para os alunos sentirem-se mais à vontade e fornecerem respostas mais claras. Obteve-se um total de sessenta inquéritos respondidos, ou seja 5,7% do universo total. Trinta e seis estudantes responderam ao inquérito em português e vinte e quatro em inglês. Dez respostas foram de estudantes de Licenciatura, vinte e uma de Mestrado, vinte e seis de Doutoramento e três de Pós-Doutoramento. Apresentam-se no capítulo seguinte, num primeiro momento, os resultados das respostas ao inquérito em português e a seguir as do inquérito em inglês, a análise é realizada separadamente com o objetivo de se encontrar diferenças significativas.

3. ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS

3.1 Análise das respostas ao Inquérito por Questionário em Língua Portuguesa

Relativamente ao questionário dirigido ao público que domina a língua portuguesa, responderam trinta e seis inquiridos.

3.1.1 Dados Demográficos e Académicos

O Gráfico 1 apresenta a caracterização dos inquiridos, ao nível do sexo e idade. O total de respondentes ao Inquérito em Língua Portuguesa foi de 36; destes, 58,3%, ou seja, 21 são mulheres, e 41,7%, um total de 15, são do sexo masculino. A faixa etária predominante situa-se no intervalo dos 19-28 anos, com 20 inquiridos.

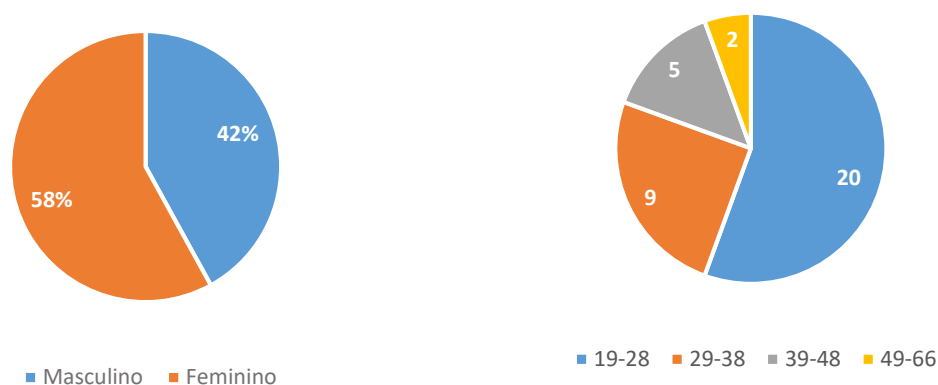


Gráfico 1 - Sexo e Idade

No Gráfico 2, apresenta-se a nacionalidade dos inquiridos. Pode-se constatar que sensivelmente metade dos inquiridos são de nacionalidade brasileira, enquanto a outra nacionalidade mais representativa é angolana, com cinco pessoas. Incluídas na amostra estão, ainda, quatro pessoas de nacionalidade chinesa.

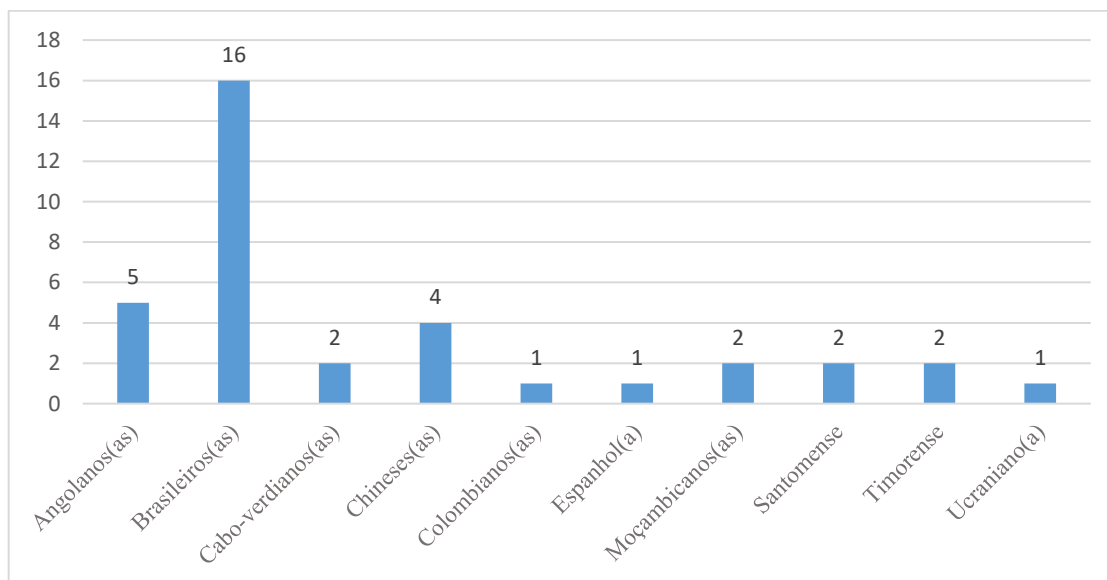


Gráfico 2 - Nacionalidades

No Gráfico 3 pode-se confirmar o estado civil dos inquiridos. Mais de metade dos indivíduos, um total de 23 pessoas, são solteiros. Dos restantes respondentes, 11 são casados e dois declararam-se divorciados.

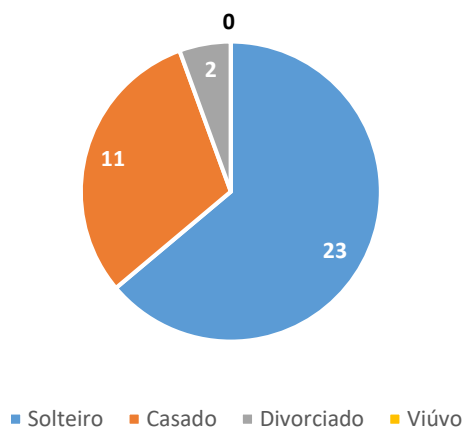


Gráfico 3 - Estado civil

No Gráfico 4 pode-se observar o ciclo de estudos em que os inquiridos se encontram inscritos. De acordo com as respostas dadas, a maior parte dos inquiridos está a realizar mestrado (39%, 14 indivíduos) ou doutoramento (36%, 13 indivíduos). Ainda 19%, sete indivíduos, encontram-se a realizar um curso de Licenciatura e 6%, ou seja, dois indivíduos um Pós-Doutoramento.

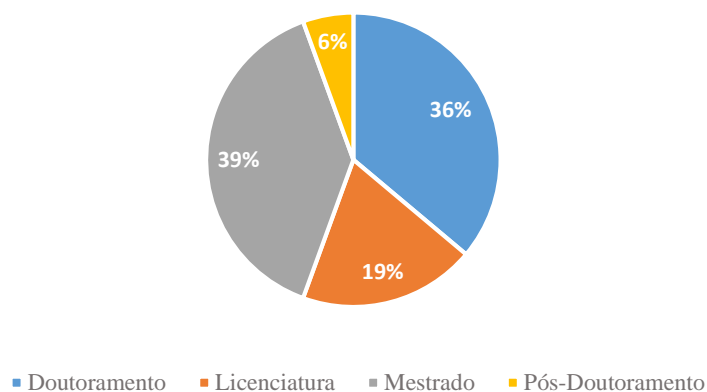


Gráfico 4 - Ciclo de Estudos

Pela análise do Gráfico 5 e a comparação deste com o Gráfico 2, observa-se que grande parte dos inquiridos realizaram o ensino secundário no seu país de origem.

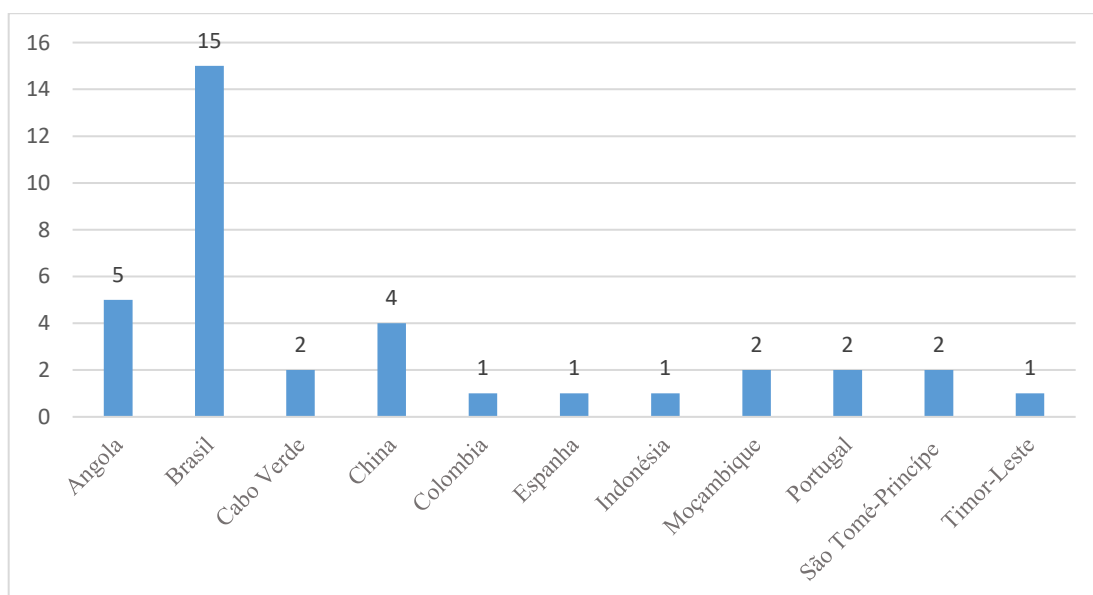


Gráfico 5 - Realização do Ensino Secundário

No Gráfico 6 encontram-se os dados dos inquiridos em relação à residência antes de entrarem para a UA. A maioria, 75% ou seja 27 indivíduos, respondeu que não à pergunta: “Residia

em Portugal antes de entrar na universidade?”. As respostas afirmativas foram nove, ou seja 25%, que também responderam à pergunta “Se sim, há quanto tempo?”. Nesta situação, duas pessoas responderam que viviam em Portugal há cinco anos, os restantes viveram dois anos e meio, quatro, seis, dez anos e seis meses. Para os inquiridos que responderam “Sim”, o questionário terminou nessa pergunta, pelo que a restante análise contempla os 27 indivíduos que não residiam em Portugal antes de entrar na UA.

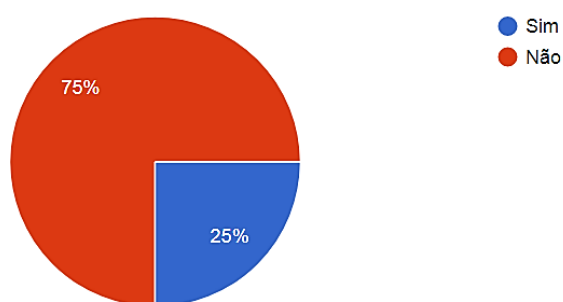


Gráfico 6 - Residência em Portugal antes da entrada na UA

O Gráfico 7 indica o início de formação dos inquiridos na UA. Pela análise dos dados verifica-se que mais de metade dos inquiridos, ou seja 14 indivíduos, iniciaram o seu ciclo de estudos no ano letivo 2016/2017, três indivíduos no ano 2015/2016 e 2013/2014 e cinco indivíduos ingressaram em 2014/2015. Por último, nos anos letivos 2012/2013 e 2008/2009 entraram apenas um indivíduo em cada ano.

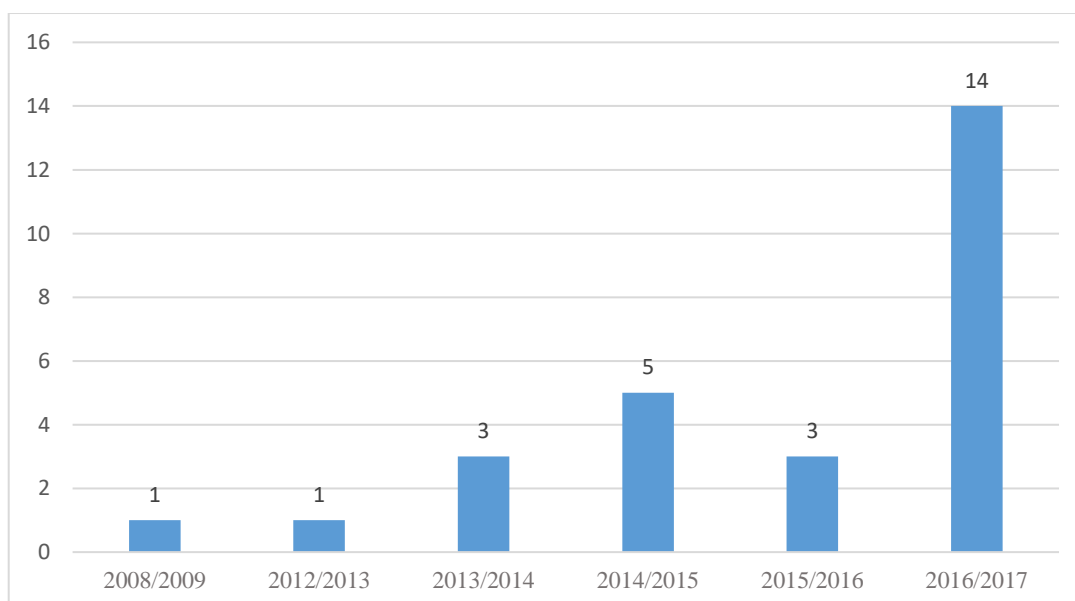


Gráfico 7 - Início da formação na UA

No Gráfico 8 apresentam-se as áreas do conhecimento dos inquiridos. Na área das Ciências da Engenharia e Tecnologia tem 11 respondentes, nas Ciências Exatas e Naturais encontram-se seis indivíduos, nas Ciências Económicas e Sociais são quatro pessoas. A área das Artes e Humanidades conta com três indivíduos, a da Educação tem dois respondentes. Por último, na área de conhecimento Ciências e Tecnologia de Saúde há um respondente.

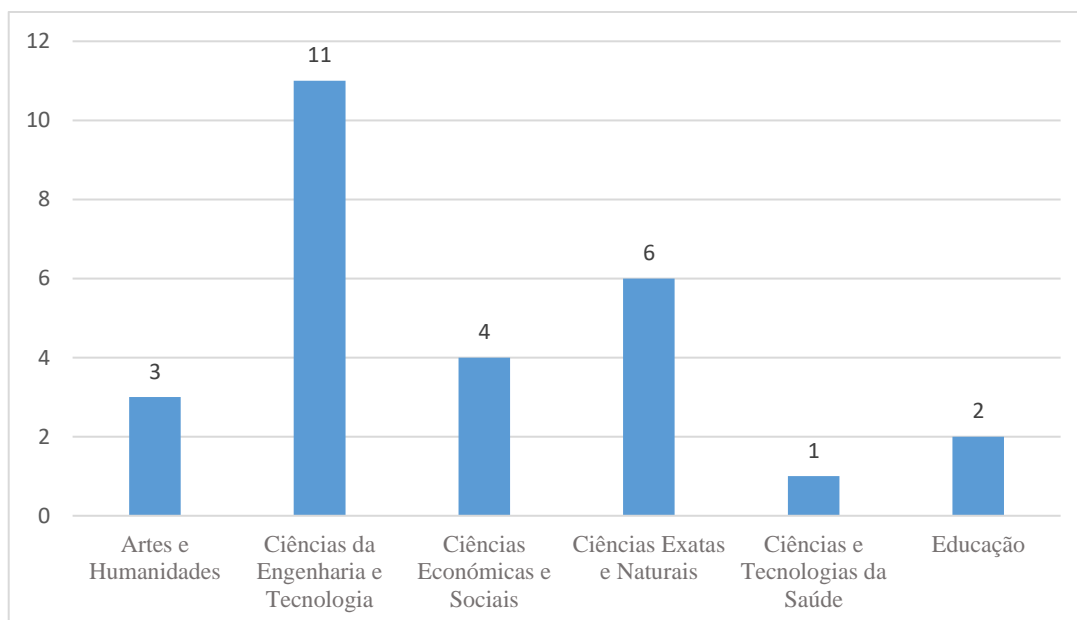


Gráfico 8 - Área de Estudos

O Gráfico 9 apresenta os resultados à questão “Já integrou algum programa de mobilidade?”. Num total de 27 inquiridos, 25 responderam que “Não”, ou seja 92,6%, e dois responderam que “Sim” os 7,4%.

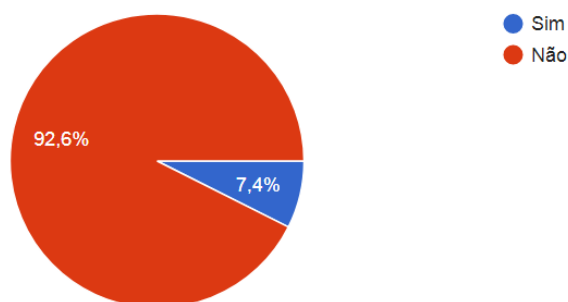


Gráfico 9 - Integração em programas de mobilidade

3.1.2 Fatores ou razões de prosseguir os estudos superiores no estrangeiro

Pela análise do Gráfico 10, pode-se inferir que a grande maioria dos inquiridos selecionaram a UA na primeira opção, uma vez que foi a primeira opção para 21 inquiridos, perfazendo 77,8%. Dos que responderam que a UA não foi a sua primeira opção, cada um mencionou como primeira opção uma universidade diferente, nomeadamente a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), a Universidade Católica de Brasília (UCB), a Universidade do Porto e a Universidad Politécnica de Madrid.

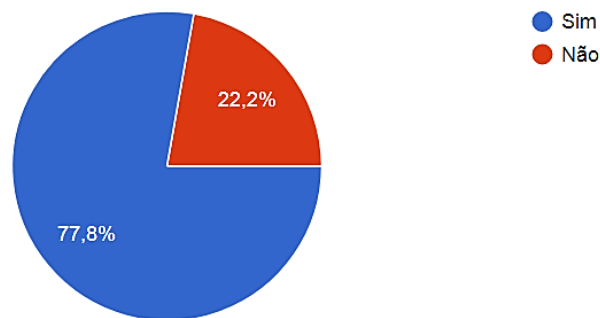


Gráfico 10 - A opção pela UA

No Gráfico 11 apresentam-se os resultados à questão se algum dos estudantes possui familiares que tenham frequentado a UA. Dos 27 inquiridos, 92,6% responderam que “não”, um total de 25 pessoas e 7,4% responderam que “sim” (dois inquiridos). Estas duas pessoas responderam à questão seguinte sobre o grau de parentesco dos familiares. Uma referiu o namorado e a outra a prima.

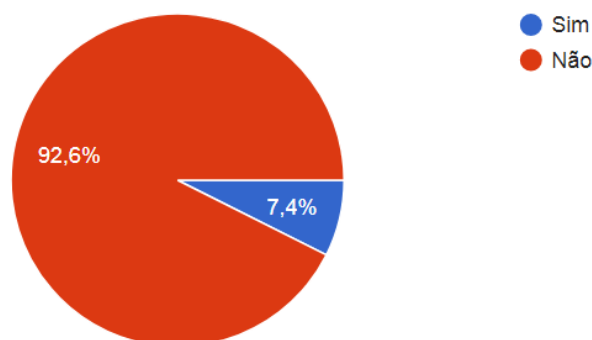


Gráfico 11 - Membro de família que tenha frequentado a UA

Pela análise do Gráfico 12, constata-se que mais de metade dos inquiridos não têm qualquer familiar ou amigo residente em Aveiro, enquanto 44,4%, ou seja, 12 pessoas, responderam positivamente a esta questão.

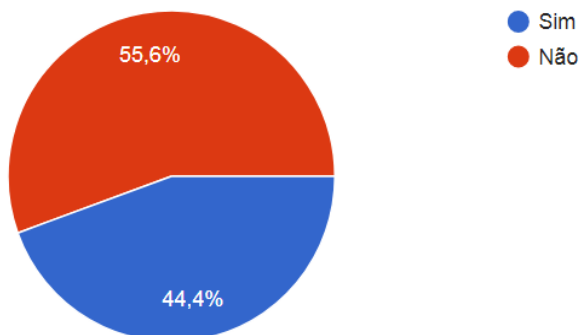


Gráfico 12 - Membro familiar/amigo que reside em Aveiro

O Gráfico 13 expõe o número de opções que cada inquirido selecionou à pergunta sobre as razões da escolha da UA, à qual cada respondente poderia escolher até três opções. Dos 27 inquiridos, 15 selecionaram o máximo de opções permitido (três opções), seis inquiridos selecionaram duas opções e seis selecionaram uma opção, fazendo um total de 63 opções.

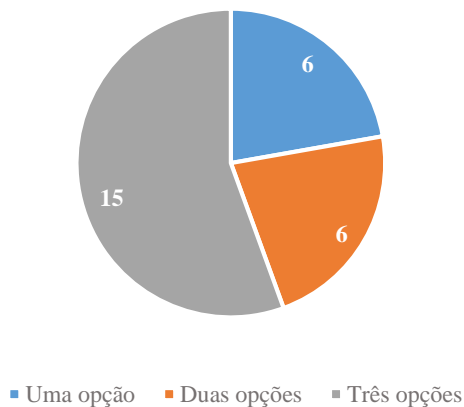


Gráfico 13 - Quantidade de opções selecionadas: razões por ter escolhido Portugal

No Gráfico 14 apresentam-se as opções escolhidas em relação às razões da escolha de Portugal. Foi selecionada 21 vezes a opção da Língua e 13 vezes o Custo de Vida, nove vezes a Recomendação de (amigos, professores, família,) oito vezes o Estilo de Vida. Cinco dos inquiridos optaram por dar a sua própria opção, obtendo-se respostas como: “contacto direto com a orientadora, especialista na área de estudos”; “garantia de bolsa do país de origem”; “cooperação entre a universidade e o país de origem”; “projeto de pesquisa em

conjunto com a Universidade” e “não tinha outra opção”. Com menos vezes selecionadas, temos as opções “Já tinha visitado o país anteriormente” quatro vezes selecionada, e por último, o Clima, selecionado três vezes.

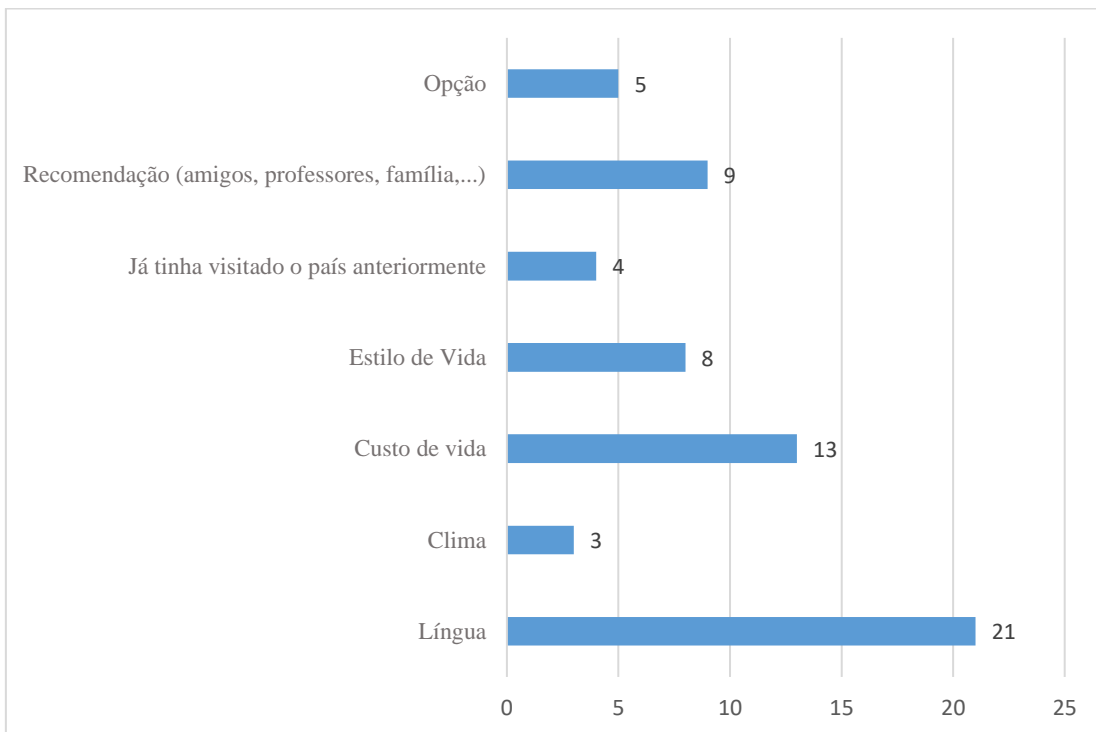


Gráfico 14 - Razões por ter escolhido Portugal

O Gráfico 15 apresenta o total de opções selecionadas por cada inquirido à pergunta sobre os motivos que levaram a escolher a UA, à qual cada respondente poderia escolher até três opções. A maioria, um total de 17 estudantes, selecionou o máximo de 3 opções, enquanto cinco respondentes escolheram duas opções e cinco respondentes escolheram uma opção, perfazendo um total de 66 opções.

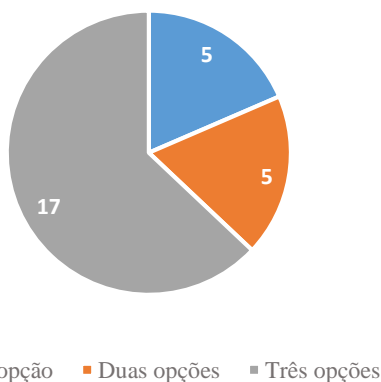


Gráfico 15 - Quantidade de opções selecionadas: motivações

A análise do Gráfico 16 permite observar as motivações que levaram os inquiridos a selecionar a UA. Com mais vezes selecionada foi a Oferta Formativa, com um total de 17 vezes selecionada, 13 vezes escolhida foi a opção Reputação da Instituição e nove vezes escolhida foi a Língua. Motivos Financeiros foi selecionado oito vezes, a Localização seis vezes e a opção Relações Interpessoais foi escolhida cinco vezes pelos respondentes. A opção Família e Amigos foi selecionada quatro vezes. Três dos inquiridos escolheram a opção: Outra Opção, e escreveram “Cooperação entre instituições”; “Não escolhi, tinha bolsa” e “Parceria entre projetos de pesquisa o qual fazia parte”. Apenas foi selecionada uma vez a Empregabilidade.

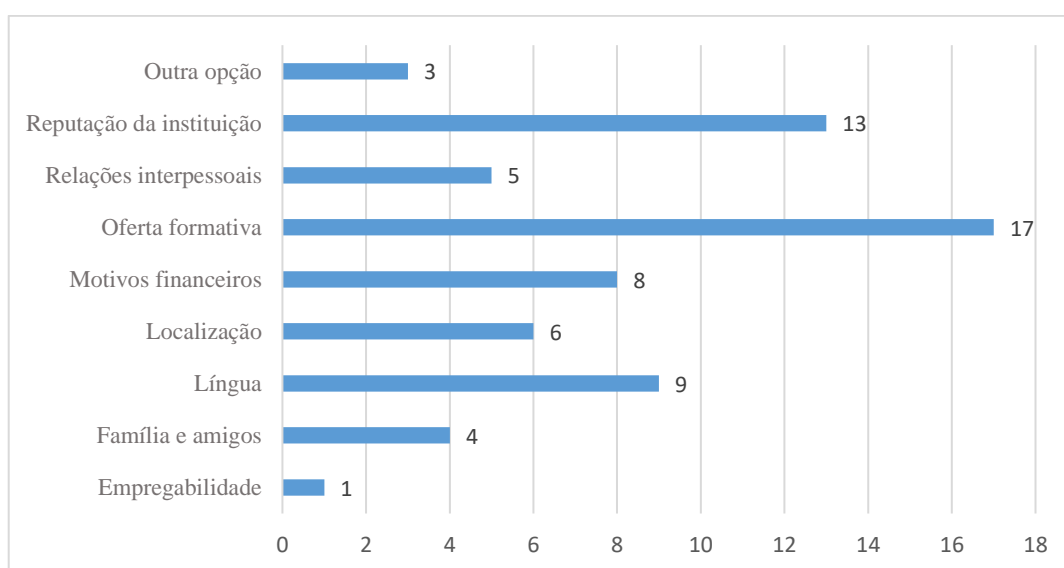


Gráfico 16 - Motivações

3.1.3 Enquadramento Social/Institucional

O Gráfico 17 apresenta os resultados da quantidade de opções selecionadas pelos inquiridos à questão “Atualmente, quais os meios de financiamento que usufrui?”. Nesta questão os respondentes poderiam selecionar várias opções. A maioria apenas selecionou uma opção, e três selecionaram duas opções, fazendo um total de 30 opções.

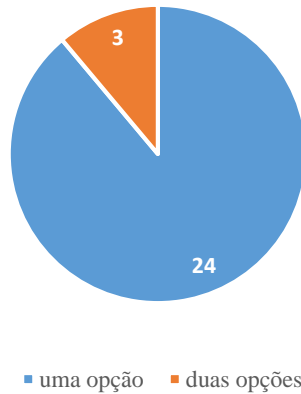


Gráfico 17 – Quantidade de opções selecionadas: meios de financiamento usufruídos

No que concerne aos meios de financiamento que os inquiridos referem, presente no Gráfico 18 pode-se constatar que a maioria dos inquiridos, um total de 15 indivíduos, afirma possuir bolsa de estudo; nove inquiridos referem que o meio de financiamento surge da família/parentes e cinco pessoas referem o trabalho remunerado, enquanto uma pessoa menciona como opção os recursos próprios.

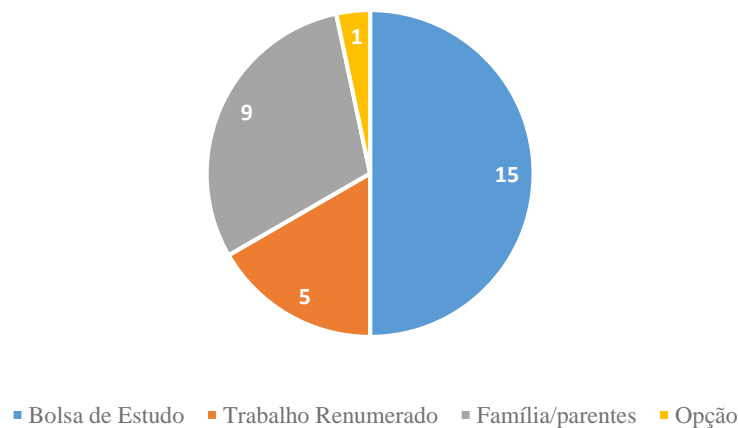


Gráfico 18 - Meios de financiamento usufruídos

No entanto, no Gráfico 19, verifica-se que 51,9% (14 pessoas) responderam que não à pergunta se atualmente recebem bolsa, enquanto os restantes (13 pessoas) responderem que recebem bolsa. Existe alguma discrepância nas respostas recolhidas, o que dificulta que se retire conclusões mais claras, uma vez que na pergunta anterior um total 15 respondentes afirma possuir bolsa de estudo e nesta pergunta apenas 13 inquiridos responderam afirmativamente à questão.

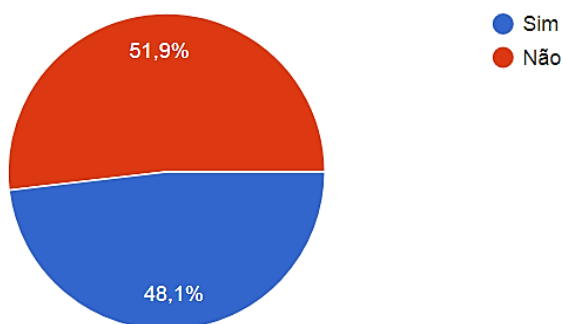


Gráfico 19 – Tem bolsa de estudo

Pela análise do Gráfico 20 pode-se descobrir a origem da bolsa de estudo dos estudantes que, em resposta à pergunta anterior, declararam que recebem. Nove inquiridos, 69% do total, mencionaram que a sua bolsa é atribuída pelo Governo do país de origem, e três inquiridos, 23%, recebem a bolsa através do Governo de Portugal, enquanto um inquirido, 8%, foi-lhe atribuído uma bolsa por parte de uma empresa.

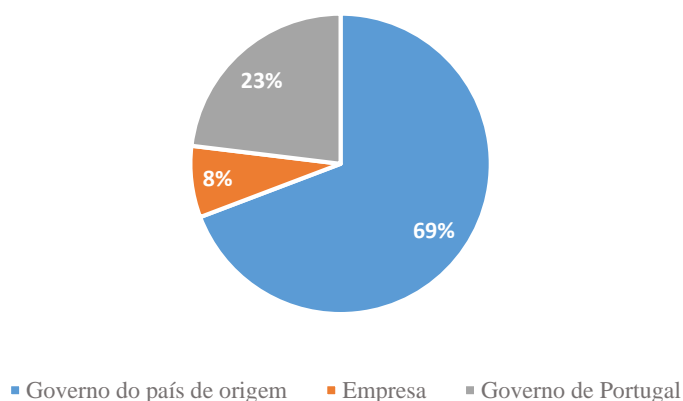


Gráfico 20 - Origem da bolsa de estudo

Para aprofundar o estudo foi considerado relevante depreender se os estudantes internacionais da UA recebem algum apoio por parte da Instituição ou da Associação Académica da Universidade de Aveiro à chegada a Portugal, como está apresentado no Gráfico 21. A maioria, 63%, o que perfaz um total de 17 alunos, respondeu que “não”, enquanto 37%, equivalente a 10 alunos, responderam que “sim”.

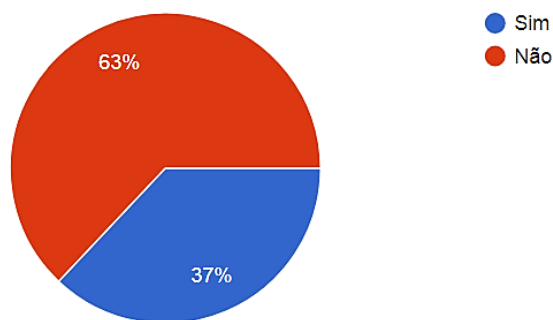


Gráfico 21 - Apoio por parte da UA ou da associação académica

No Gráfico 22 apresentam-se os resultados das opções selecionadas pelos indivíduos à questão “Quais foram as dificuldades que encontrou/encontra como estudantes da Universidade de Aveiro?”, à qual os respondentes poderiam escolher até 3 opções. A maioria, 15 indivíduos, selecionou apenas uma opção enquanto seis respondentes selecionaram duas opções e outros seis selecionaram três opções, dando um total de 45 opções escolhidas.

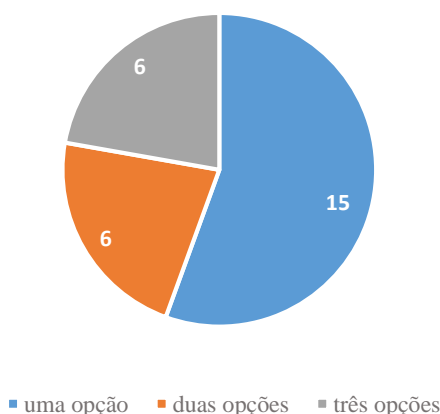


Gráfico 22 - Quantidade de opções selecionadas: dificuldades encontradas na UA

Pela análise do Gráfico 23, pode-se identificar as dificuldades que os inquiridos encontram/encontraram na UA. A dificuldade mais apontada pelos inquiridos está associada a Entender a organização acadêmica (horários, departamentos, etc.) escolhida um total de dez vezes. Foram selecionadas sete vezes, as opções: Acesso a recursos e serviços da instituição e Relacionamento com os colegas, e foi selecionada cinco vezes a opção: Barreiras linguísticas e Integração social. Cinco estudantes responderam que não têm/não encontraram nenhuma dificuldade na UA. Três estudantes escolheram a opção Discriminação. Foram selecionadas uma vez as opções: Questões de saúde e Relacionamento com professores, e também por uma pessoa, uma opção livre, referindo que outro obstáculo é a “dificuldade em entender os procedimentos iniciais (documentação a entregar)”.

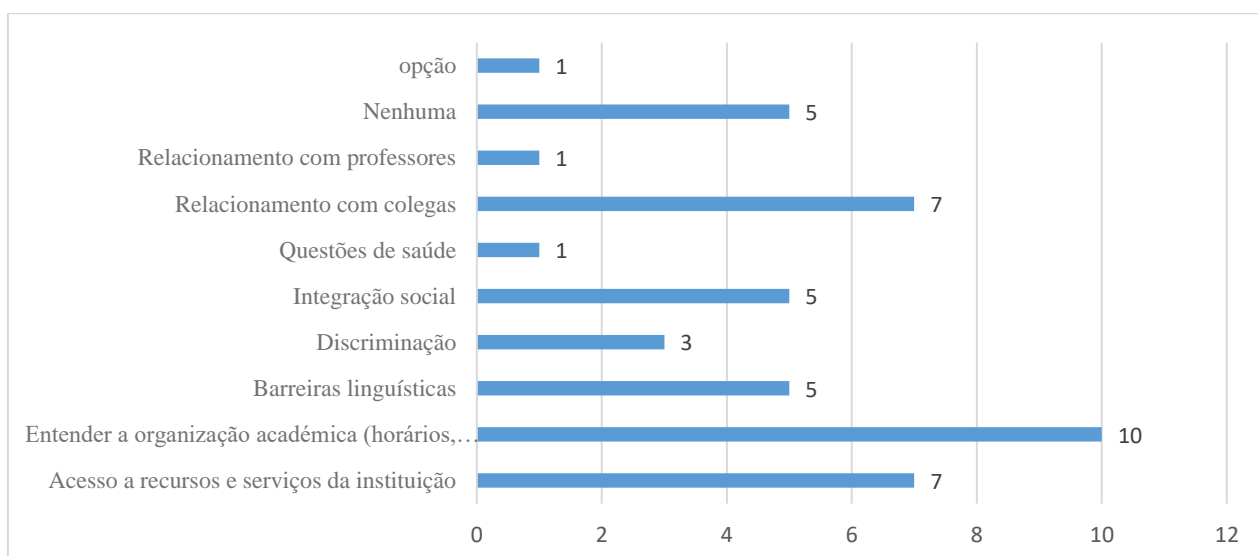


Gráfico 23 - Dificuldades na UA

Pela análise do Gráfico 24, verifica-se que 51,9%, 14 respondentes, afirmou que já ultrapassaram essas dificuldades, mas os restantes 48,1%, 13 respondentes, respondeu que ainda continuam a senti-las.

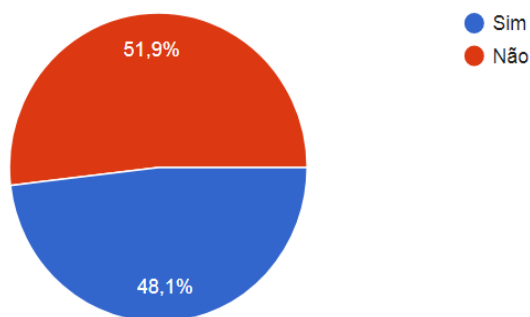


Gráfico 24 – Persistência das dificuldades

O Gráfico 25 apresenta o número de opções selecionadas pelos 13 inquiridos que responderam positivamente à questão anterior no sentido de identificar quais as dificuldades sentidas na UA que ainda persistem. Dos 13 indivíduos, seis selecionaram só uma opção, quatro selecionaram duas opções, dois selecionaram três opções e um selecionou cinco opções, dando um total de 25 opções escolhidas.

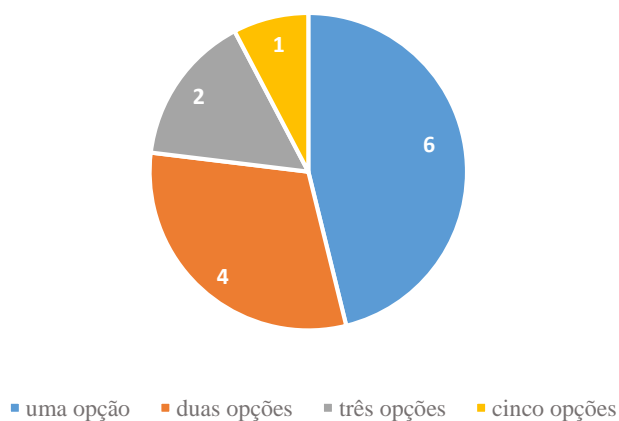


Gráfico 25 - Quantidade de opções selecionadas: dificuldades que persistem na UA

No Gráfico 26 apresentam-se as respostas sobre as dificuldades que ainda persistem. A dificuldade mais vezes selecionada (sete vezes) foi: Relacionamento com os colegas; Discriminação, Acesso a recursos e serviços da instituição e Barreiras linguísticas foram selecionadas três vezes cada. As opções: Entender a instituição e Integração social foram selecionadas duas vezes cada, enquanto Questões de saúde e Relacionamento com professores foram selecionadas uma vez. Um dos inquiridos selecionou uma opção livre, afirmando que “Não há uma boa comunicação dentro dos grupos de trabalho”.

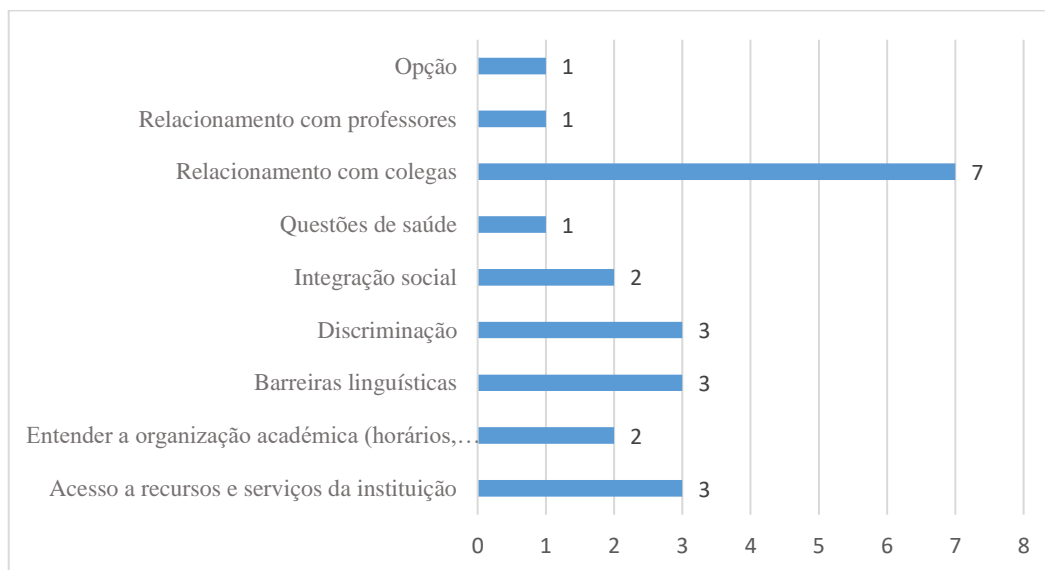


Gráfico 26 - Dificuldades que permanecem

Pela análise do Gráfico 27 pode-se deduzir que a maioria dos estudantes conhecem os apoios fornecidos pela UA, uma vez que 21 alunos (77,8%) responderam que “sim” a esta pergunta: “Conhece os apoios fornecidos pela Universidade de Aveiro ao aluno?” e seis alunos (22,2%) responderam que “não”.

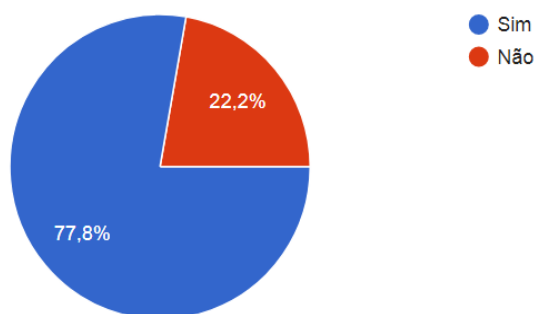


Gráfico 27 - Conhecimento dos apoios fornecidos pela UA

Como se pode constatar no Gráfico 28, quando questionados sobre os apoios que conhecem, os respondentes revelam que os mais conhecidos são o Apoio médico, 19 vezes selecionado, o Apoio no alojamento, 15 vezes, o Apoio psicológico, 11 vezes selecionado e o Apoio pedagógico, sete vezes selecionado. O Apoio financeiro e a Bolsa de mérito social foram cinco vezes selecionados e um inquirido referiu em outra opção: o Apoio alimentar.

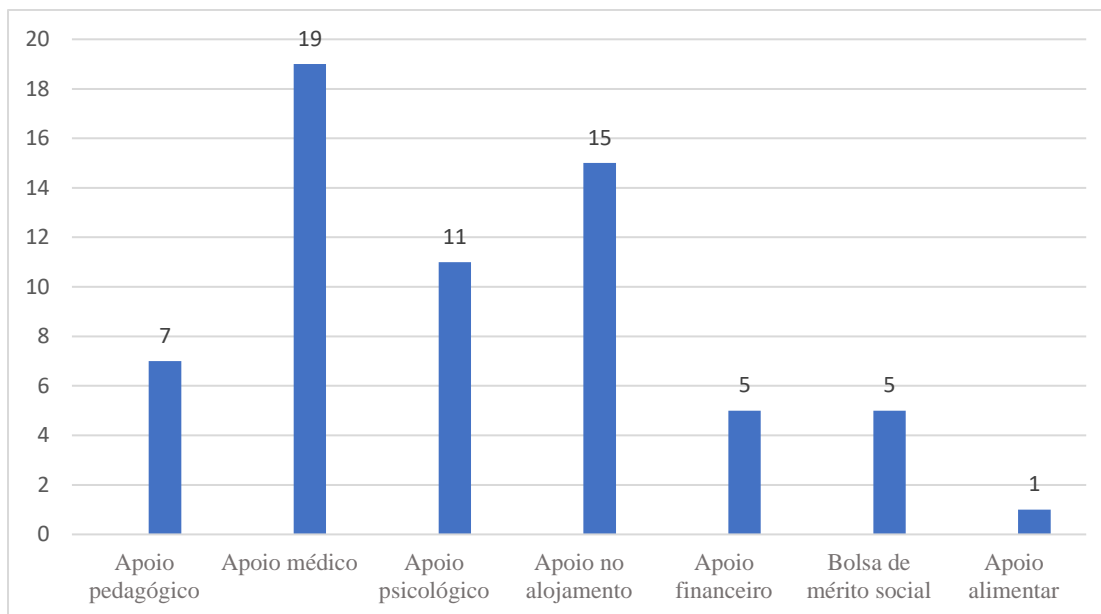


Gráfico 28 - Apoios do conhecimento do aluno

No Gráfico 29 está exposto o nível de integração sentido pelos inquiridos. Para apurar o grau de integração, utilizou-se uma escala de 1 a 5, em que 1 = Não integrado e 5 = Bem integrado. Pelas repostas, verificou-se que a maioria se sente Integrado e Razoavelmente integrado (24 inquiridos) e duas pessoas sentem-se bem integradas e uma sente-se não integrada.

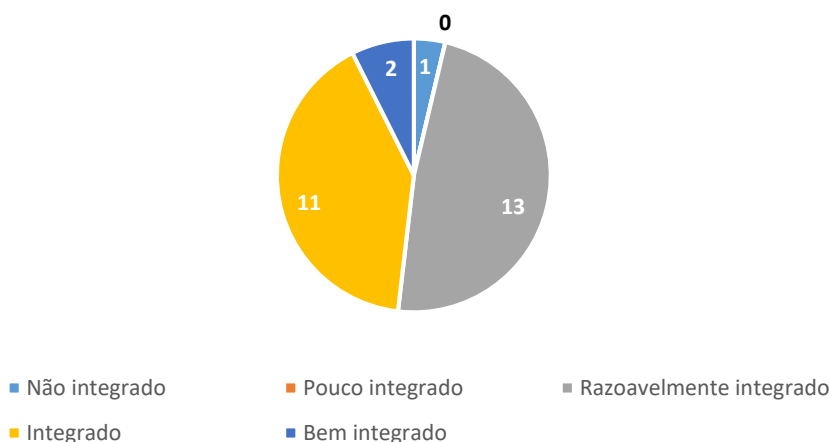


Gráfico 29 - Integração dos inquiridos

Questionou-se os inquiridos sobre o que entendem por integração. Sendo uma pergunta aberta, as respostas recebidas foram diversas, enquadrando-se num conjunto de categorias, que a seguir se apresenta:

- Fazer parte – pertencer a algo
- Sentirem-se unidos
- Sentir-se familiarizado com os recursos humanos, académicos e tecnológicos
- Existir uma relação próxima entre o estudante e a instituição de ensino;
- Estar adaptado ao curso e aos métodos de ensino e de avaliação
- Participar em atividades e eventos
- Obter sucesso na resolução de problemas sem qualquer obstáculo
- Comportar-se de acordo com a sociedade do país de acolhimento

3.1.4 Expectativas Futuras

Com o objetivo de se conhecer as expectativas futuras, fez-se a pergunta: “Gosta de viver em Aveiro?” Para apurar o grau de apreciação, utilizou-se uma escala de 1 a 5, em que 1 = detesta e 5 = gosta muito. 11 inquiridos responderam que “Gostam muito” de Aveiro e dez que Gostam. Dois declaram “Gostar mais ou menos” e um que “Não gosta”. Contudo, três dos inquiridos afirmam “Detestar” Aveiro.

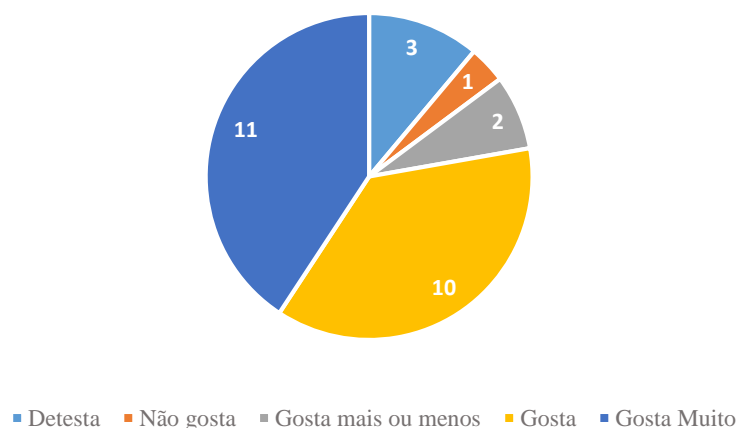


Gráfico 30 – Gosto por Aveiro

A seguir, os 21 inquiridos que afirmaram que “Gostam” ou que “Gostam muito” de Aveiro foram convidados a apresentar a sua justificação. A pergunta foi aberta e as respostas diversas; foram enquadradas num conjunto de categorias, que a seguir se apresenta:

- É uma cidade calma, tranquila, agradável;
- Com boa qualidade de vida, com bom clima e gastronomia e os habitantes são simpáticos;
- O seu custo de vida é baixo, possui uma boa mobilidade e segurança com acessos fáceis aos serviços de saúde;
- Uma cidade ideal para os estudos.

Na pergunta seguinte, os que responderam negativamente à pergunta: “Gosta de viver em Aveiro?” foram questionados sobre os seus motivos de insatisfação. No Gráfico 31 estão expostos os motivos de cinco respondentes, que selecionaram mais que uma opção, obtendo-se um total de dez respostas. Destes, três respondentes indicaram como motivo de insatisfação o Relacionamento com as pessoas, três a Distância da família, um o Clima e um a Discriminação. Um inquirido selecionou outra opção e referiu “poucos amigos, pouca diversão”.

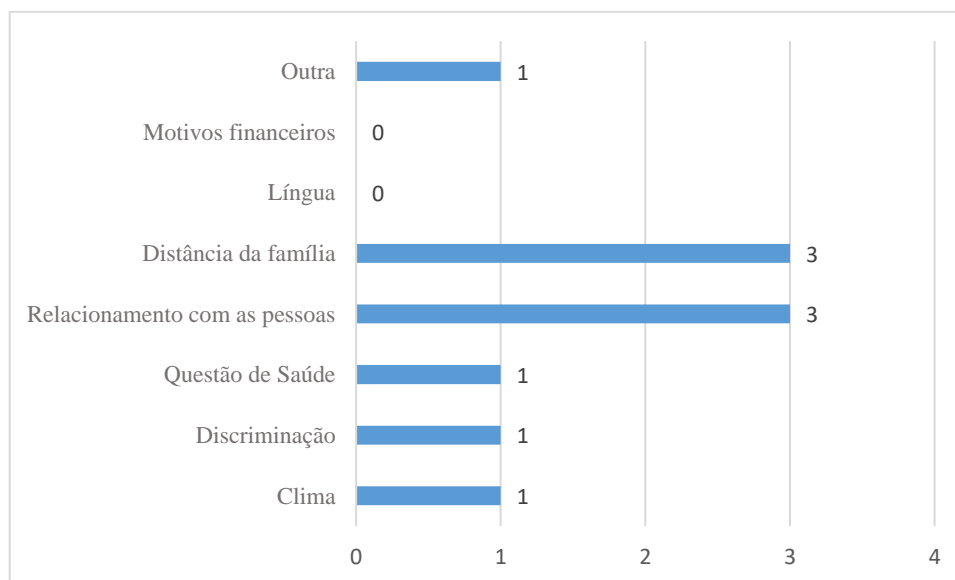


Gráfico 31 - Insatisfação por Aveiro

No Gráfico 32 apresenta-se o resultado das respostas à questão “Depois de terminar os estudos pretende ficar em Portugal?”. 13 inquiridos, não pretende ficar, enquanto dez pessoas, ainda não sabe. Apenas quatro respondentes pretendem ficar em Portugal.

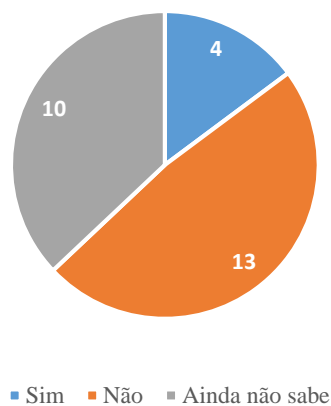


Gráfico 32 – Intenção de ficar em Portugal

Por fim, a última pergunta do questionário pretendeu saber a razão pela qual os estudantes tencionam ficar em Portugal. Das quatro pessoas que responderam que pretendem ficar neste país, apenas três reagiram a esta questão aberta. Estes referem que:

- Portugal é o melhor lugar para ter uma experiência profissional e podem levar essa experiência para o seu país de origem;
- Portugal é um país calmo e agradável com boa gastronomia;
- Caso não ficar, é derivado a fatores intrapessoais como a saudade, a solidão e a desintegração.

3.2 Análise das respostas ao Questionário em Língua Inglesa

De seguida apresentam-se os dados estatísticos das respostas ao questionário em língua inglesa, dos quais responderam 24 inquiridos.

3.2.1 Dados Demográficos e Académicos

No Gráfico 33 apresenta-se a caracterização dos respondentes, ao nível do sexo e idade. O total dos respondentes em inglês foram 24; destes, 50%, ou seja, 12 pessoas, é do sexo feminino e 50%, 12 pessoas, do sexo masculino. A faixa etária dominante situa-se no intervalo de 19-28 anos, com 12 inquiridos.



Gráfico 33 - Sexo e Idade

No Gráfico 34 apresenta-se a nacionalidade dos inquiridos. Constatam-se que os respondentes revelam um leque alargado de nacionalidades diferentes (17), sendo as nacionalidades mais apresentadas: a colombiana, a indiana e a nigeriana com três estudantes cada uma. De seguida com um total de duas pessoas é a espanhola. As outras treze nacionalidades têm um respondente.

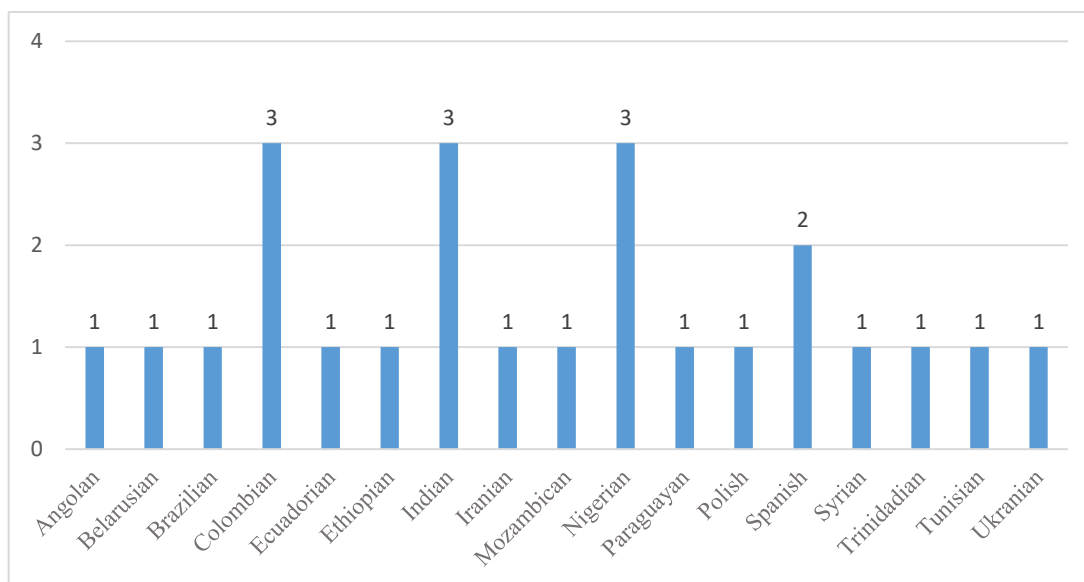


Gráfico 34 - Nacionalidades

No Gráfico 35 observa-se o estado civil dos respondentes. 75% dos respondentes, 18 inquiridos, são solteiros e 21%, cinco inquiridos, são casados.

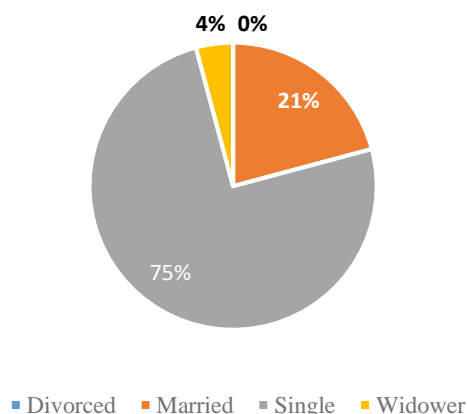


Gráfico 35 - Estado Civil

No Gráfico 36 observa-se o ciclo de estudos dos inquiridos que responderam em inglês. A maior parte (54%), ou seja, 13 indivíduos, está a realizar o Doutoramento: 29% (sete

estudantes) frequenta o Mestrado e 13% (três estudantes) uma Licenciatura. Um dos inquiridos está a realizar um Pós-Doutoramento.

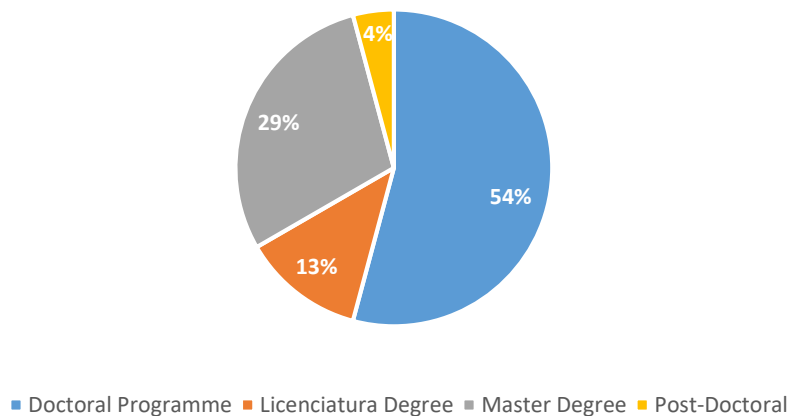


Gráfico 36 - Ciclo de Estudos

Relativamente ao Gráfico 37, observa-se que grande parte dos respondentes realizou o ensino secundário no seu país de origem. Um aspeto curioso é que um dos respondentes realizou o ensino secundário em dois países: na Índia e em Israel.

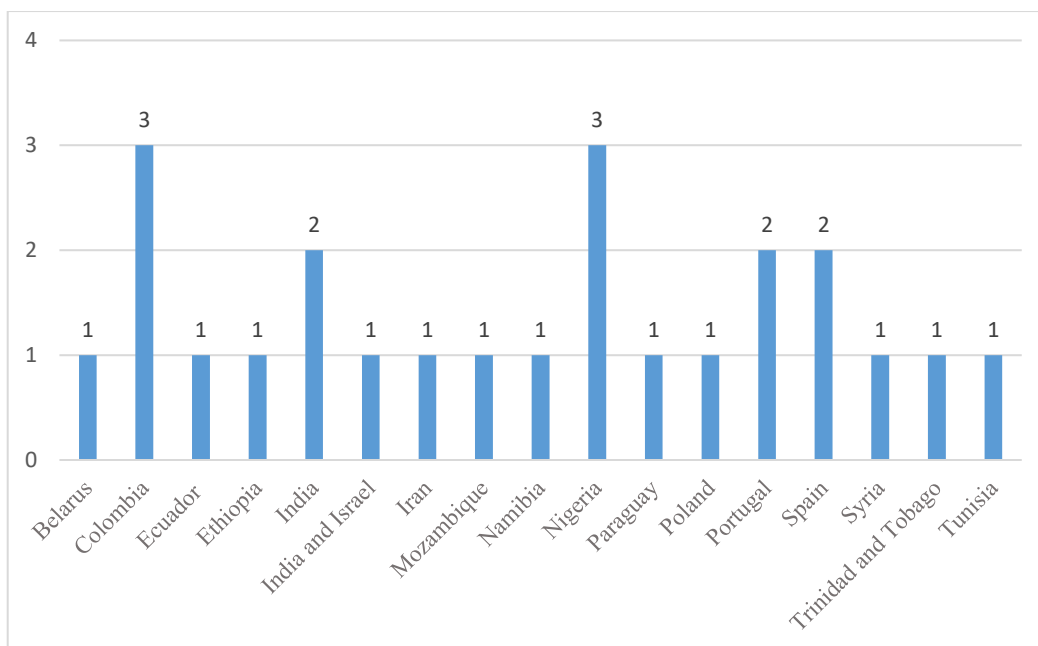


Gráfico 37 - Realização do Ensino Secundário

No Gráfico 38 encontram-se os dados respondentes à residência dos respondentes antes de ingressar na UA. A maioria, 75%, um total de 18 inquiridos, nunca residiu em Portugal antes

de ingressar na UA. Todavia, 25%, seis respondentes, já residia em Portugal. Estes ainda responderam à pergunta “Se sim, há quanto tempo?”, à qual 3 pessoas responderam que viviam há um ano, e os restantes que viviam há três meses, seis meses e dez anos, respetivamente. Para os inquiridos que responderam “Sim”, o questionário terminou nessa pergunta, pelo que a restante análise contempla os 18 indivíduos que não residiam em Portugal antes de entrar na UA.

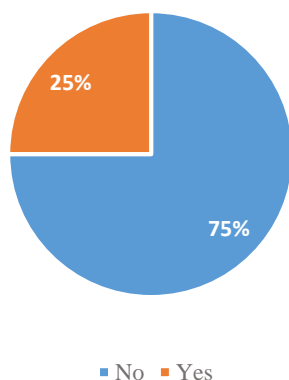


Gráfico 38 - Residência em Portugal antes da entrada na UA

O Gráfico 39 indicam o ano em que os inquiridos iniciaram a sua formação na UA. Pela análise dos dados verifica-se que sete indivíduos iniciaram no ano letivo 2016/2017, cinco entraram em 2015/2016 e três ingressaram na UA no ano letivo 2011/2012. Por último, um inquirido entrou em cada um dos seguintes anos letivos 2007/2008, 2013/2014 e 2014/2015.

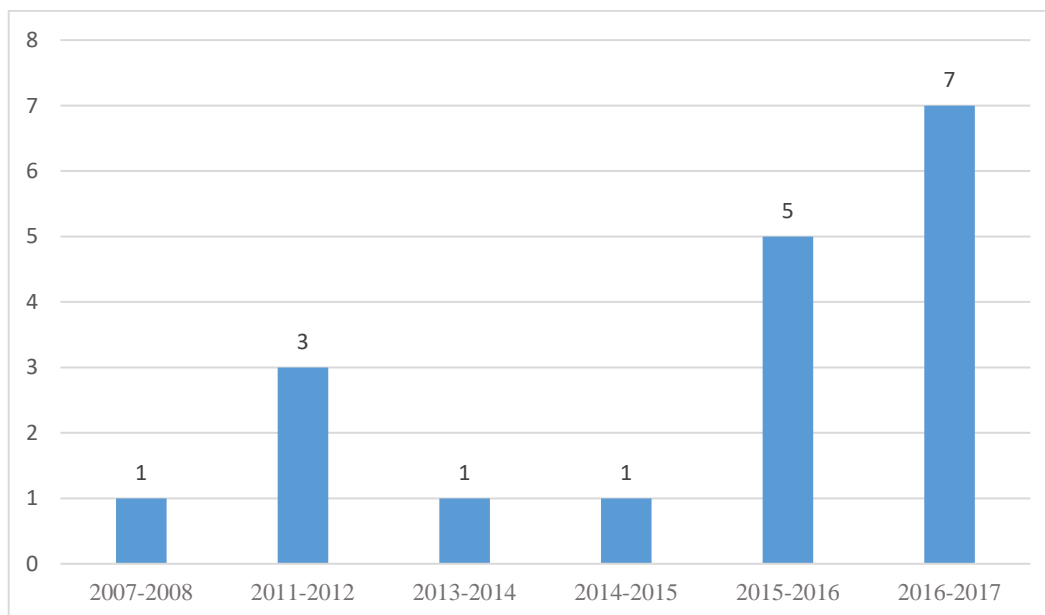


Gráfico 39 – Início da formação na UA

No Gráfico 40 apresentam-se as áreas de conhecimento de cada respondente. Existem 12 inquiridos que estão na área de Ciências de Engenharia e Tecnologia, quatro respondentes encontram-se na área de Ciências Exatas e Naturais, um indivíduo nas Ciências Económicas e Sociais e um na área da Educação.

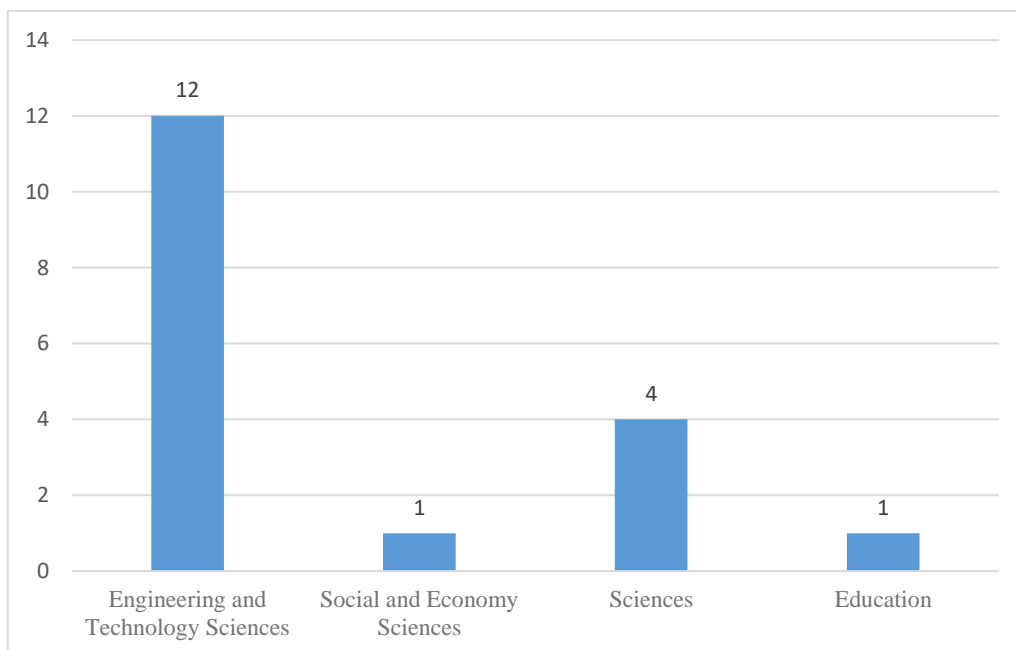


Gráfico 40 - Área de Estudos

No Gráfico 41 encontram-se os resultados das respostas à pergunta se já integrou algum programa de mobilidade. 78%, igual a 14 respondentes, respondeu que não, e 22%, ou seja, 4 inquiridos, respondeu que sim.

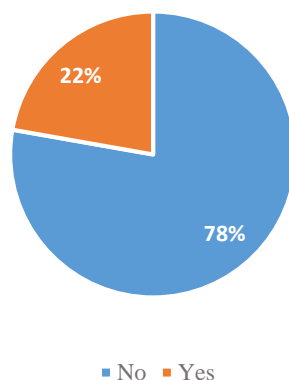


Gráfico 41 - Integração em programas de mobilidade

3.2.2 Fatores ou Razões de Prosseguir os Estudos Superiores no Estrangeiro

No Gráfico 42 apresentam-se os resultados das respostas à pergunta “A UA foi a sua primeira opção?”. 56%, ou seja, dez dos inquiridos confirmam que a UA foi a sua primeira opção, enquanto para 44%, oito indivíduos, não foi a primeira opção. Dos que responderam que a UA não foi a sua primeira opção, cada um citou como primeira escolha uma universidade diferente, das quais o Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), Hamburg University, University of McMaster, Universidad Politecnica de Madrid, Hamburg Technical University, Glasgow Caledonian University e Universidad de Alicante. Um respondente referiu que não teve escolha.

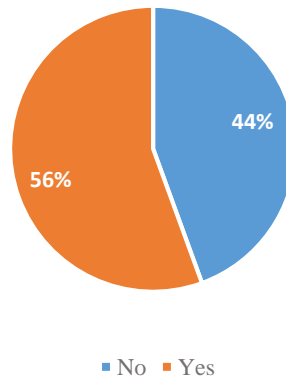


Gráfico 42 - A opção pela UA

No Gráfico 43 observam-se as respostas dos inquiridos à questão: “Algum membro da sua família frequentou a Universidade de Aveiro?”. Dos 18 inquiridos, 94%, um total de 17 indivíduos, respondeu que não. Um indivíduo respondeu sim, que o seu marido esteve na UA.

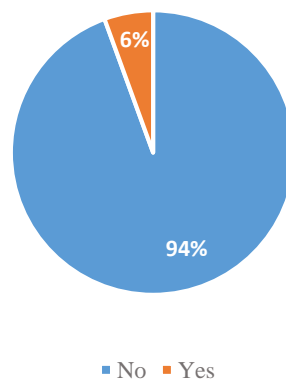


Gráfico 43 – Membro de família que tenha frequentado a UA

De acordo com o Gráfico 44 constata-se que mais de metade dos inquiridos, um total de dez respondentes têm familiares/amigos em Aveiro, enquanto 44%, ou seja, oito inquiridos responderam negativamente à questão: “Tem algum membro familiar ou amigo que resida em Aveiro?”.

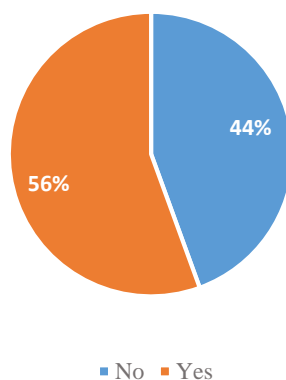


Gráfico 44 - Membro familiar/amigo que reside em Aveiro

O Gráfico 45 expõe o número de opções que cada inquirido selecionou em resposta à pergunta sobre as razões da escolha da UA, à qual cada respondente poderia escolher até três opções. Dos 18 inquiridos, 12 selecionaram o máximo de opções permitidas, ou seja, três opções, três inquiridos selecionaram duas opções e três selecionaram uma opção, fazendo um total de 45 opções.

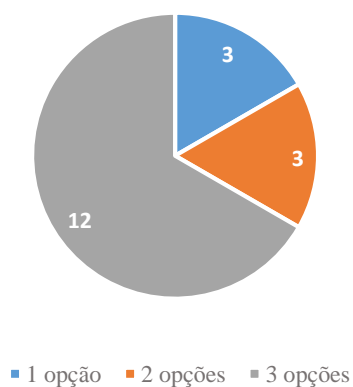


Gráfico 45 - Quantidade de opções selecionadas: razões por ter escolhido Portugal

No Gráfico 46 apresentam-se as opções escolhidas em resposta à pergunta o que levou a escolher Portugal. Foi selecionada 12 vezes a opção: Custo de vida, 8 vezes a opção: Recomendação (amigos, professores, familiares, etc.). As opções: Língua e Clima foram selecionadas sete vezes cada, já a opção: Estilo de vida foi selecionada quatro vezes e a opção: Já tinha visitado o país anteriormente foi escolhida três vezes. Em último lugar, quatro respondentes optaram por dar a sua própria opção, dando respostas como: “I had to choose between Lithuania and Portugal”, “Research opportunity”, “Destiny” e “The courses sounded better in Aveiro than in Hamburg”.

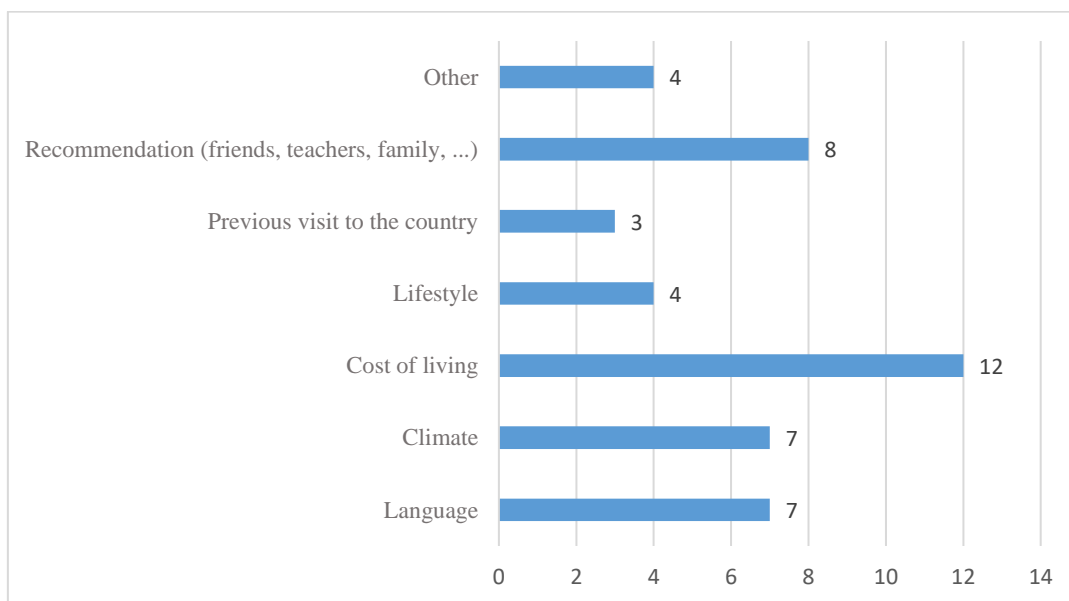


Gráfico 46 - Razões por ter escolhido Portugal

No Gráfico 47 apresentam-se as opções selecionadas pelos respondentes em resposta à questão: “Quais os motivos que levou a escolher a Universidade de Aveiro?”. Com um total de 18 respondentes, cinco selecionaram três opções, nove selecionaram duas opções e quatro selecionaram apenas 1 opção, perfazendo um total de 37 opções selecionadas.

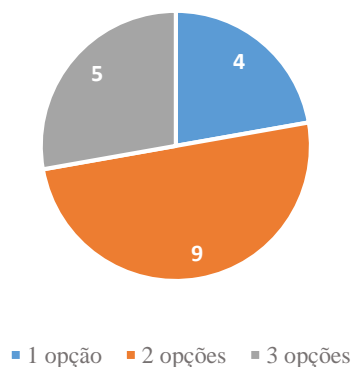


Gráfico 47 - Quantidade de opções selecionadas: motivações

No Gráfico 48 encontram-se os fatores de seleção dos inquiridos pela UA. Oferta formativa e Reputação da instituição foram escolhidas sete vezes cada, Família ou amigos e Língua foram selecionadas cinco vezes cada e Motivos financeiros foram escolhidos quatro vezes. Selecionada três vezes foi a opção: Localização. As opções: Empregabilidade e Relações interpessoais foram selecionadas duas vezes. Por último, três inquiridos optaram por dar a sua própria opção, citando respostas como: “I didn't choose it”, “Choice of Supervisor/research specialty” e “Previous visit to UA”.

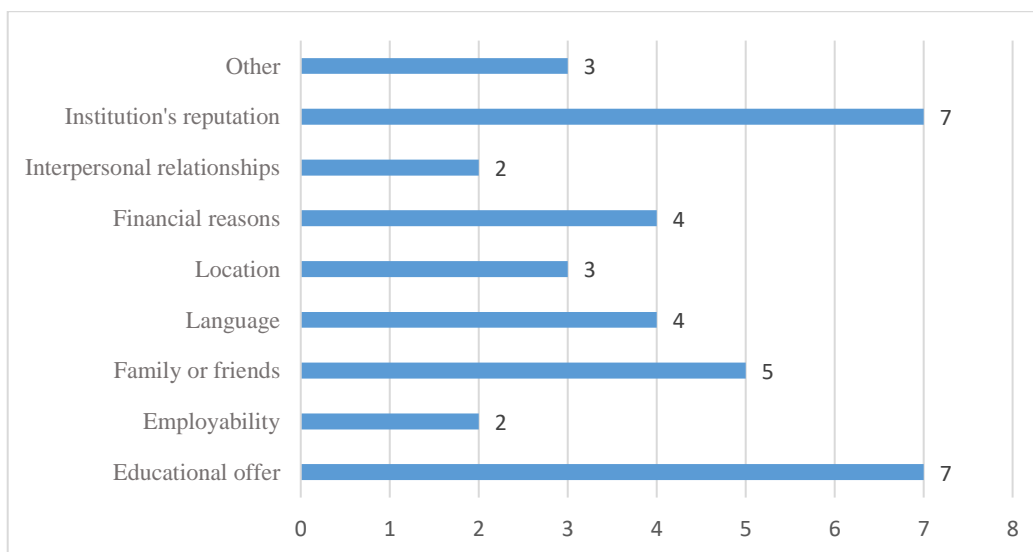


Gráfico 48 - Motivações

3.2.3 Enquadramento Social/Institucional

No gráfico 49 apresenta-se o número de opções selecionadas pelos inquiridos aos meios de financiamento que estes usufruem. A esta questão não havia limite máximo de escolha de opções. A maioria apenas selecionou uma opção e duas pessoas selecionaram duas opções.

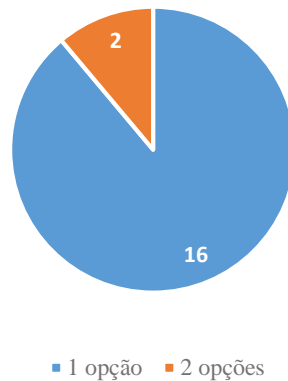


Gráfico 49 – Quantidade de opções selecionadas: meios de financiamento usufruídos

Relativamente aos meios de financiamento que usufruem, no Gráfico 50 observa-se que a maioria, um total de onze indivíduos, respondeu Bolsa de estudo, cinco respondentes escolheram Trabalho remunerado e quatro Familiares/parentes.

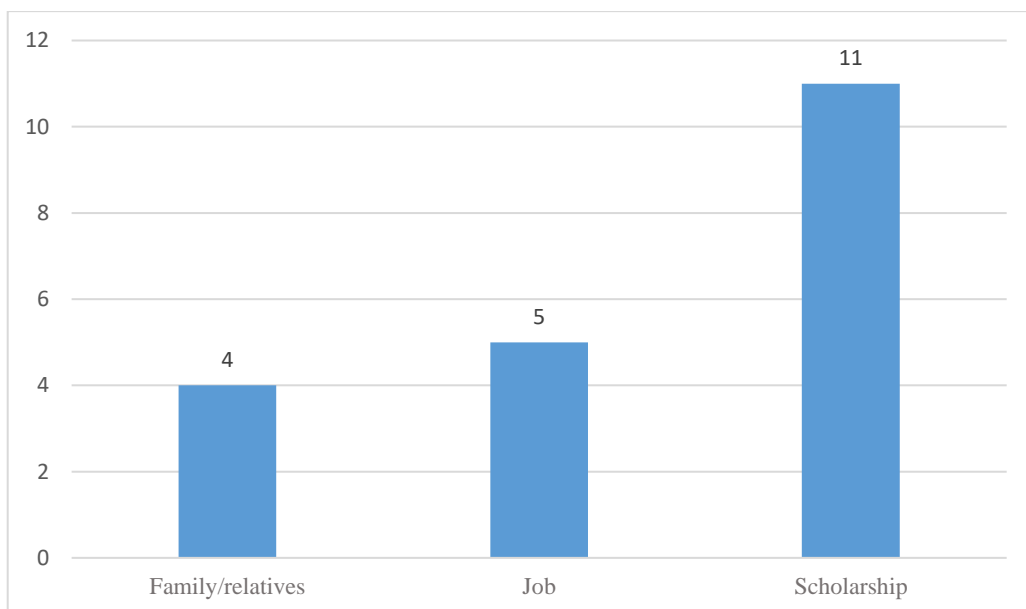


Gráfico 50 - Meios de financiamento usufruídos

No Gráfico 51, estão apresentadas as respostas dadas pelos inquiridos à pergunta se de momento recebe bolsa de estudo. A maioria, onze dos inquiridos, respondeu que sim e sete responderam que não.

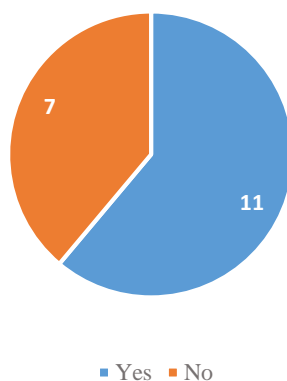


Gráfico 51 – Tem bolsa de estudo

Com base na pergunta anterior, questionou-se qual a origem da bolsa de estudo dos inquiridos, obteve-se um total de 12 respostas, expressas no Gráfico 52. Cinco dos inquiridos recebem bolsa por meio do Governo de Portugal, três recebem bolsa através do governo do seu país de origem e um recebe bolsa através de uma empresa. Por último, três respondentes preferiram dar a sua própria opinião e referiram como opção: “Global Platform for Syrian Students”, “FCT - Fundação para Ciência e Tecnologia” e “Erasmus”.

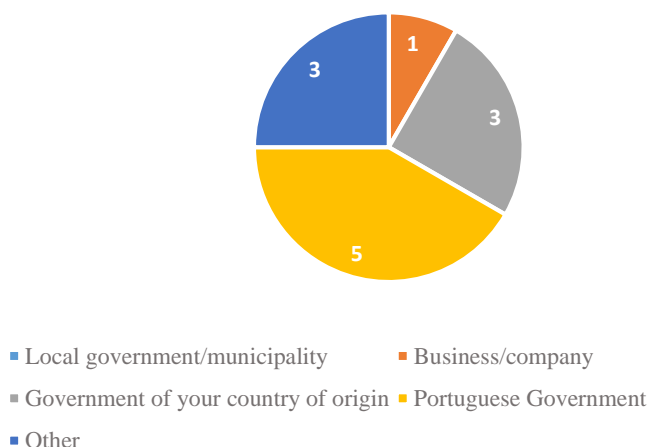


Gráfico 52 - Origem da bolsa de estudo

No Gráfico 53 apresentam-se as respostas à questão sobre a chegada a Portugal e se os respondentes receberam algum apoio por parte da Instituição ou da Associação Académica da UA. A maioria dos inquiridos, 12 indivíduos, referiram que não receberam qualquer apoio dado pela UA e pela Associação Académica; seis responderam que receberam algum apoio.

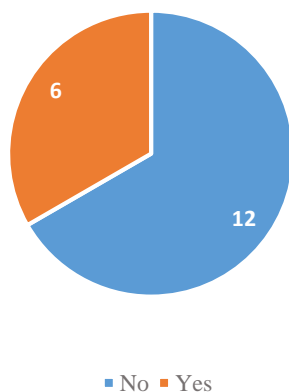


Gráfico 53 – Apoio por parte da UA ou da associação académica

No Gráfico 54 apresenta-se a quantidade de opções selecionadas pelos inquiridos em resposta à questão: quais as dificuldades que encontrou/encontra com estudante da UA. Os respondentes poderiam escolher no máximo três opções. Sete dos inquiridos selecionaram três opções, seis selecionaram duas opções e cinco escolheram apenas uma opção, dando um total de 38 opções selecionadas.

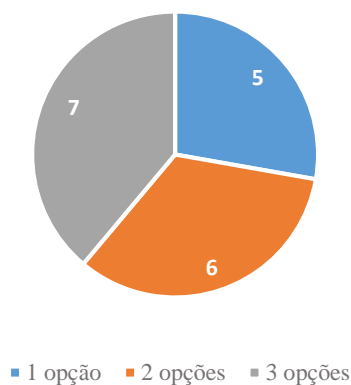


Gráfico 54 – Quantidade de opções selecionadas: dificuldades encontradas na UA

No Gráfico 55 apresentam-se as dificuldades que os estudantes encontraram/encontram na UA. A opção mais selecionada foi: Entender a organização acadêmica (horários, departamentos, etc.), com oito respostas. De seguida, as opções: Acesso a recursos e serviços da instituição e Barreiras linguísticas foram selecionadas sete vezes e a opção: Questões de saúde foi escolhida quatro vezes. Três estudantes referiram que não encontram/encontraram nenhuma dificuldade. Dois inquiridos citaram a sua própria dificuldade, referindo que “it’s really hard to get through the bureaucracy of the country (visa, NIF, bank account)” e “bureaucracy”.

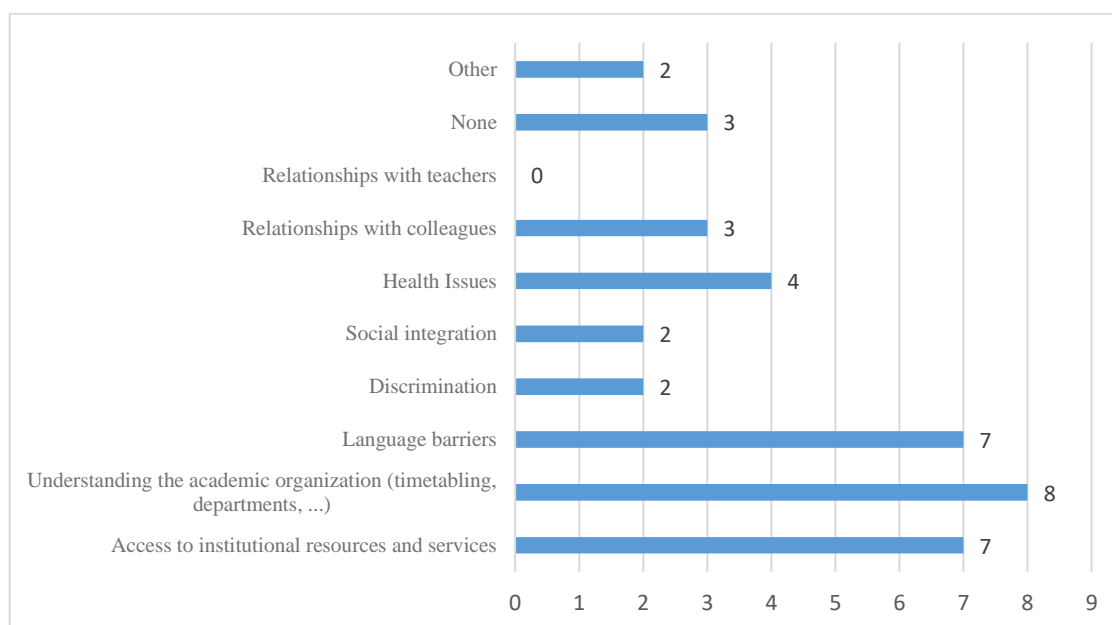


Gráfico 55 – Dificuldades

Considerou-se pertinente questionar os alunos sobre a persistência dessas dificuldades. Como se pode constatar no Gráfico 56, a maioria, dez inquiridos, não sente dificuldades. Por sua vez, oito respondentes continuam a sentir dificuldades na UA.

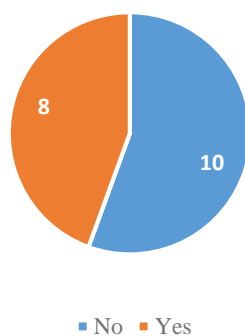


Gráfico 56 – Persistência das dificuldades

No Gráfico 57 estão expostos o número de opções selecionadas pelos inquiridos em resposta à questão: “se sim, quais as dificuldades que sente?”. Dos 12 inquiridos que responderam, oito respondentes selecionaram apenas uma opção, três selecionaram duas opções e um selecionou três opções, dando um total de 17 opções selecionadas.

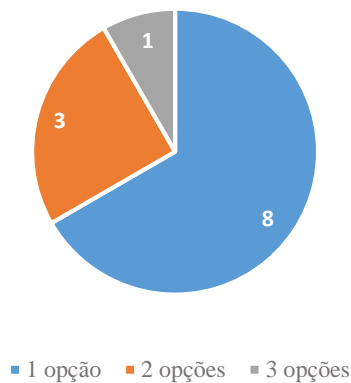


Gráfico 57 – Quantidade de opções selecionadas: dificuldades que persistem na UA

O Gráfico 58 apresenta as dificuldades que persistem nos inquiridos. Dos 12 respondentes, três referiram que não sentem qualquer dificuldade. As opções: Acesso a recursos e serviços da instituição, Barreiras linguísticas, Discriminação, Questões de saúde, Relacionamento com colegas e a opção: Outra foram selecionadas duas vezes cada. Nesta última opção, os alunos referem que as dificuldades que continuam a sentir são: “It’s really hard to get through the bureaucracy of the country (visa, NIF, bank account)” e “bureaucracy”.

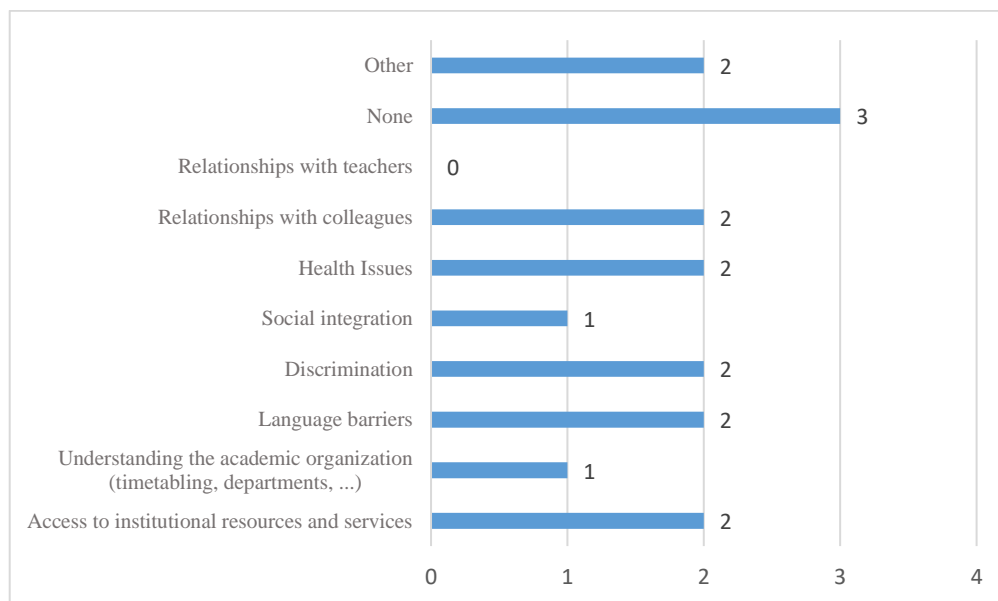


Gráfico 58 - Dificuldades que permanecem

No Gráfico 59 apresentam-se os resultados das respostas à questão: “Conhece os apoios fornecidos pela Universidade de Aveiro ao aluno?”. Doze inquiridos responderam que conhecem alguns apoios fornecidos pela UA, seis dos inquiridos não conhecem nenhum apoio dado pela UA.

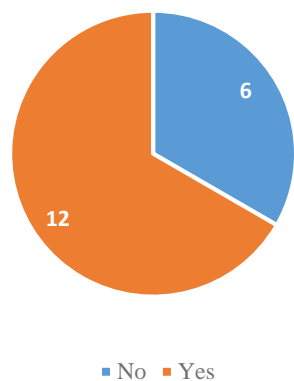


Gráfico 59 – Conhecimento dos apoios fornecidos pela UA

Segundo o Gráfico 60, os apoios mais conhecidos pelos inquiridos são: Apoio médico e Apoio no alojamento, selecionados nove vezes cada; Apoio pedagógico e psicológico foram selecionados cinco vezes cada.

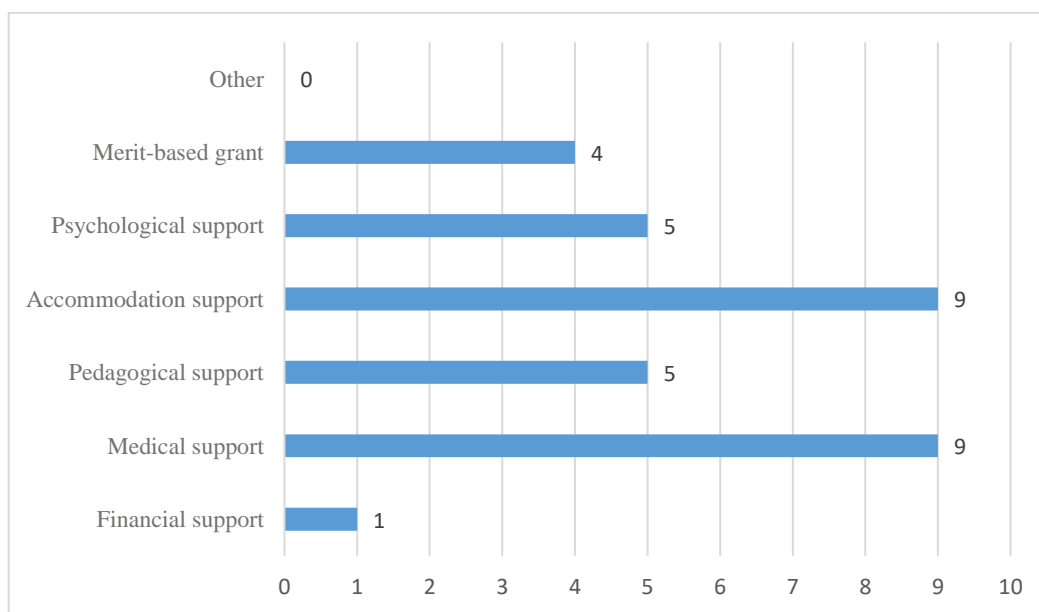


Gráfico 60 – Apoios do conhecimento do aluno

No Gráfico 61 pode-se observar o nível de integração sentido pelos inquiridos. Para apurar o grau de integração, utilizou-se uma escala de 1 a 5, em que 1 = Not integrated e 5 = Well integrated. Pelas repostas verificou-se que a maioria se sente Razoavelmente integrada e Integrada (12 inquiridos). Três inquiridos sentem-se Bem integrados, dois sentem-se Pouco integrados e um sente-se Não integrado.

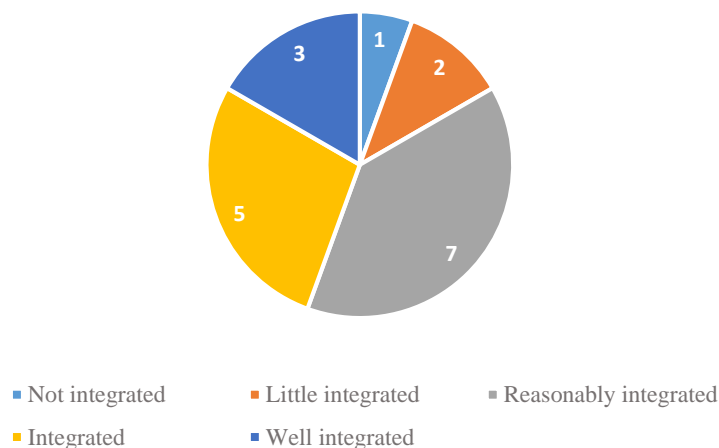


Gráfico 61 – Integração dos inquiridos

Perguntou-se em seguida o que os inquiridos entendem por integração. Sendo uma pergunta aberta, as respostas recebidas foram diversas, enquadrando-se num conjunto de categorias, que a seguir se apresenta:

- Being part of a social group without discrimination;
- Having good relations with classmates and teachers;
- Being included and taken into account;
- Feeling that you are able to contribute to the community (UA) while being supported by it;
- Feeling like you are part of the university;
- Having a sense of belonging and “keying into” the system academically and socially;
- Being able to benefit from an environment with good communication and civic behaviour, clear work ethics and respect for work colleagues.

3.2.4 Expectativas Futuras

No Gráfico 62 apresentam-se os resultados das respostas à questão: Gosta de viver em Aveiro?. Oito respondentes confirmam que gostam muito e cinco que gostam. Três inquiridos gostam mais ou menos e dois não gostam de Aveiro.

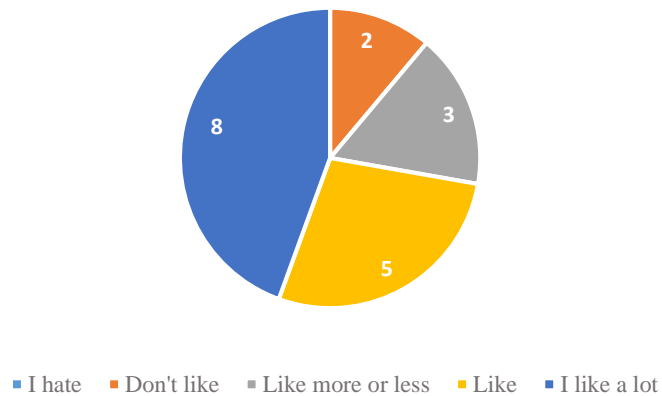


Gráfico 62 – Gosto por Aveiro

Na pergunta seguinte, os 13 inquiridos que afirmaram que gostam ou que gostam muito de Aveiro foram convidados a apresentar a sua justificação através da resposta a uma pergunta aberta. As respostas recebidas foram diversas, enquadrando-se no conjunto de categorias que se segue:

- Climate, cost of living, landscapes;
- Peaceful city, everything is closer and you don't need to take public transport;
- Lifestyle and standard of living;
- Culture and simplicity;
- The beauty and security of Aveiro;
- Relationships with people, food and language;
- Catholic religion;
- Teachers and colleagues are very friendly.

No Gráfico 63 apresentam-se quais os motivos de insatisfação dos alunos internacionais que responderam negativamente à pergunta anterior. Nesta questão não existia limite de opções a seleccionar e obtivemos três respostas dos inquiridos. A opção mais vezes seleccionada foi: Relacionamento com pessoas. As opções: Clima, Linguagem e Outra foram escolhidas duas vezes. O inquirido que seleccionou a opção: Outra referiu dois aspetos, nomeadamente: “The teachers do not speak too good English and the lectures are in English” e “The teaching methodology is not good. I felt like in a high school, the university is not well prepared to receive international students”.

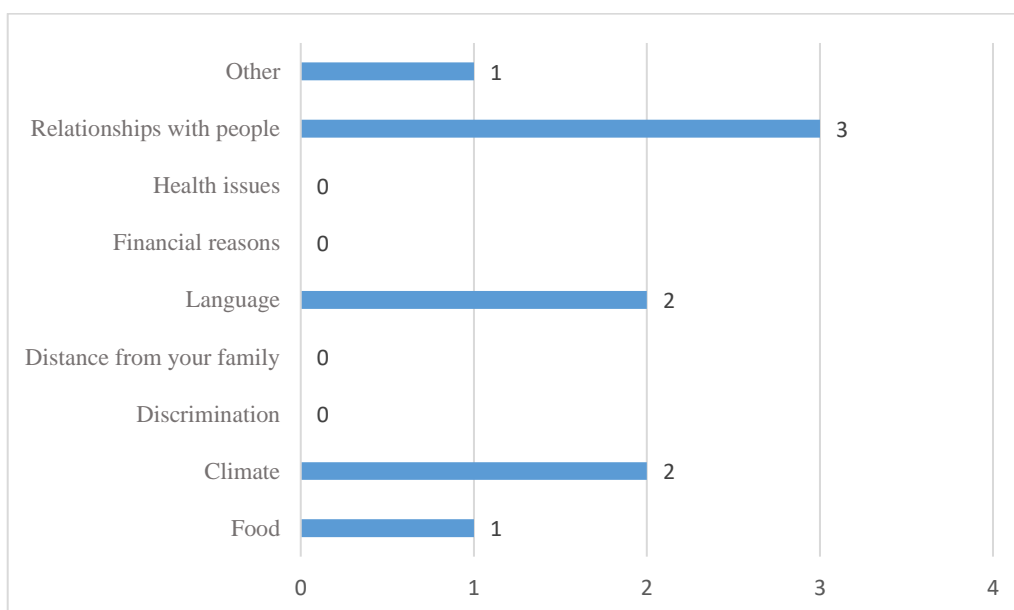


Gráfico 63 - Insatisfação por Aveiro

O Gráfico 64 apresenta os resultados das respostas à questão: “Depois de terminar os estudos pretende ficar em Portugal?”. Nove respondentes não sabem ainda, seis não pretendem ficar e três inquiridos pretendem ficar em Portugal.

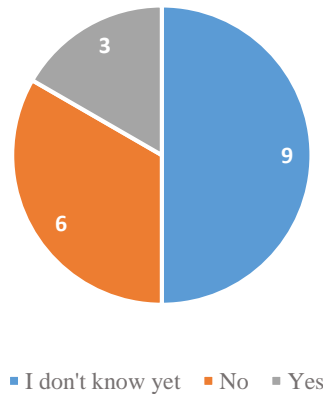


Gráfico 64 – Intenção de ficar em Portugal

Por último, realizou-se uma questão final com o objetivo de ter conhecimento sobre quais as razões para os inquiridos ficarem em Portugal. As três pessoas que pretendem ficar em Portugal reagiram a esta questão aberta. As respostas estão abaixo elencadas:

- Great country with nice people, however hard to find job leaving no other choice than to move;
- Depends on the employment opportunities I will have in my field;
- I'm trying the best I can to develop good working relations in the country and I'm also making an important effort to integrate into the Portuguese culture as well. I would like to be able to work in Spain and/or Portugal in the future.

4. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Após a análise das respostas dadas aos inquiridos, nas versões em língua portuguesa e em língua inglesa, apresentar-se-á, de seguida, a interpretação da informação recolhida. Nesta secção, optou-se por realizar, num primeiro momento, uma fusão dos resultados obtidos, com vista à caracterização do público-alvo na sua globalidade e à identificação de eventuais diferenças entre os públicos que responderam em língua portuguesa e língua inglesa, respetivamente.

Em relação ao total de inquiridos preenchidos, verificou-se que, no que concerne aos dados demográficos e académicos, os públicos respondentes são bastante semelhantes, nomeadamente no que diz respeito à idade, estado civil e a integração, ou não, em programas de mobilidade.

Quanto à nacionalidade dos inquiridos, identificaram-se algumas diferenças. Os respondentes ao questionário em português apresentam 10 nacionalidades diferentes, a maior parte oriunda de países que pertencem à comunidade CPLP, nomeadamente o Brasil com mais inquiridos. Já no inquirido em inglês, os inquiridos revelam um leque maior de nacionalidades, um total de 17, oriundos de países mais distantes, como Trindade e Tobago, Etiópia, Angola, Índia, Paraguai, Equador e outros mais próximos, como Espanha, Polónia, Bielorrússia, Ucrânia, Tunísia entre outros. No que concerne às nacionalidades dos inquiridos na globalidade, verifica-se que algumas são comuns, quer na versão portuguesa, quer na versão inglesa (ver tabela 4). Das 89 nacionalidades presentes na UA no ano de 2017³ são representadas neste estudo 21 nacionalidades, ou seja 18,69% do total.

Tabela 4 - Nacionalidades

Versão portuguesa	Versão inglesa
Angolano – 5	Angolano – 1
Brasileiro – 16	Bielorusso – 1
Cabo-verdiano – 2	Brasileiro – 1
Chinês – 4	Colombiano – 3
Colombiano – 1	Equatoriano – 1
Espanhol – 1	Etíope – 1
Moçambicano – 2	Indiano – 3

³ Consultado no seguinte link: <https://www.ua.pt/file/50756>

Santomense – 2	Iraniano – 1
Timorense – 2	Moçambicano – 1
Ucraniano – 1	Nigeriano – 3
	Paraguaio – 1
	Polaco – 1
	Espanhol – 1
	Sírio – 1
	Trinitário-Tobagense – 1
	Tunisino – 1
	Ucraniano – 1

Relativamente aos cursos frequentados pelos estudantes que responderam ao questionário, estes pertencem a diferentes ciclos de estudo e a um leque de áreas de conhecimento, com alguma preponderância pelas Ciências da Engenharia e Tecnologias. A maioria dos respondentes completaram o ensino secundário no seu país de origem. Também se verificou que a maioria nunca residiu em Portugal, antes de entrar na UA, com uma percentagem de 75%. Mais de metade, 87% dos respondentes, nunca tinham realizado qualquer programa de mobilidade.

4.1 Motivações

Depois de caracterizado o público que respondeu ao questionário nas suas duas versões, analisaram-se os objetivos principais deste estudo que consistem na identificação das motivações que levam os estudantes internacionais a escolher esta universidade e na deteção das dificuldades que os estudantes de outros países enfrentam na UA.

No que concerne às motivações dos estudantes verificou-se que a UA foi a primeira opção para a maioria dos respondentes. A percentagem dos estudantes que escolheu a UA em primeiro lugar, no inquérito em língua portuguesa foi de 77,8% em relação à percentagem obtida na versão da língua inglesa que foi de 56% (ver Gráficos 10 e 42), indicando, talvez, uma preferência maior entre falantes da língua portuguesa.

Relativamente à questão sobre os membros de família ou amigos dos inquiridos que já tinham frequentado a UA, nas duas versões obteve-se uma resposta negativa e significativa, de 92,6% e 94% respetivamente (ver Gráficos 11 e 43). Contudo, à questão se algum membro

da família/amigo residia em Aveiro, 44,4% dos respondentes ao inquérito na língua portuguesa e 56% na versão inglesa responderam positivamente (ver Gráfico 12 e 44). Pimpa (2005, pp. 433-434) refere que existem duas formas da família ser o agente influenciador. Em primeiro lugar, influencia as ambições de um indivíduo pelo facto do familiar perceber que o outro detém um curso superior ou um determinado *status* de trabalho, o primeiro poderá sentir-se desvalorizado e aborrecido com as suas conquistas e esforçar-se para atingir, pelo menos, o mínimo que o último. Em segundo lugar, os familiares podem influenciar o comportamento por meio de padrões familiares já estabelecidos e aceitáveis. No ponto das motivações que levam os inquiridos a selecionar a UA, o fator família tem grande relevância, como se pode observar com os dados retirados do inquérito. Em ambas as versões do questionário, o fator recomendação familiares/amigos teve alguma influência na escolha da universidade.

Sobre os motivos que os levaram a selecionar Portugal, no inquérito em língua portuguesa, os motivos com maior relevância para os estudantes foram: Língua, Custo de vida, Recomendação (amigos, professores, família) e Estilo de vida. Na versão em inglês, as razões apontadas com maior pertinência foram: Custo de vida, Recomendação (amigos, professores, família), Língua e Clima. Segundo estes resultados, verifica-se que três destes motivos são comuns aos dois grupos, embora a ordem de relevância varia (ver tabela 5). O quarto fator é diferente, enquanto os respondentes em língua portuguesa escolheram o estilo de vida como um motivo importante, para os respondentes em língua inglesa foi o clima o mais apontado.

Tabela 5 - Motivos de selecionar Portugal

Versão portuguesa	Versão inglesa
Língua	Custo de vida
Custo de Vida	Recomendação (amigos, professores, família)
Recomendação (amigos, professores, família)	Língua
Estilo de Vida	Clima

Quanto à escolha de Universidade de Aveiro, na versão portuguesa, os motivos mais selecionados foram: Oferta formativa, Reputação da instituição, Língua e Motivos financeiros. Por sua vez, na versão inglesa os mais indicados foram: Oferta formativa, Reputação da instituição, Família /amigos e a Língua. Dos quatro motivos (ver tabela 6), três destes são comuns, apesar da ordem de importância ser um pouco diferente. O fator diferenciador na versão portuguesa foi o motivo financeiro, enquanto na versão inglesa foi a família/amigos. A oferta formativa e a reputação da instituição foram os motivos que mais influenciaram os inquiridos na escolha da sua universidade.

Tabela 6 - Motivos selecionar a UA

Versão portuguesa	Versão inglesa
Oferta formativa	Oferta formativa
Reputação da instituição	Reputação da instituição
Língua	Família/amigos
Motivos financeiros	Língua

No enquadramento social/institucional, perguntou-se se o inquirido usufrui de algum meio de financiamento, nas duas versões dos inquéritos, a maioria no inquérito em inglês afirmou que recebe uma bolsa de estudo, o mesmo não se constatou no inquérito em português. Acerca da origem da bolsa de estudo, a maioria dos inquiridos, que respondeu ao inquérito em português, mencionou que o seu apoio provém do Governo do país de origem com um total de 15 respondentes, já os inquiridos em inglês selecionaram, com mais frequência, a bolsa do Governo português, total de cinco indivíduos (ver Gráficos 20 e 52). Quanto ao apoio proveniente da UA ou da sua associação académica, verificou-se que a maioria, nas duas versões, respondeu que não receberam qualquer apoio (ver Gráficos 21 e 53). Um dos fatores que afetam os estudantes na escolha da instituição são os apoios dados por esta, como por exemplo bolsa de estudo (Roga et al., 2015, p. 926).

4.2 Dificuldades

Um dos objetivos deste estudo pretendia identificar as dificuldades que os alunos encontram/encontraram na UA. No que diz respeito às dificuldades, as mais indicadas pelos respondentes no questionário em português foram: Entender a organização académica

(horários, departamentos, etc.), Acesso a recursos e serviços da instituição e o Relacionamento com os colegas. Um inquirido citou que um dos obstáculos encontrados foi a dificuldade em entender os procedimentos iniciais (documentos a entregar). Já no questionário em inglês, as dificuldades mais sentidas foram: Entender a organização académica (horários, departamentos, etc.), Acesso a recursos e serviços da instituição e Barreiras linguísticas. Um dos dois inquiridos referenciaram outra dificuldade relacionada com questões burocráticas, e outro inquirido mencionou que existem demasiados procedimentos a nível burocrático, na utilização do cartão de multibanco e da sua conta bancária. Como se pode observar na tabela 7, as dificuldades sentidas pelos públicos são as mesmas, mas na versão portuguesa, os inquiridos apontam o relacionamento com os colegas e na versão inglesa o enfoque maior são as barreiras linguísticas. Na versão inglesa, dois inquiridos que selecionaram outra opção referem a mesma dificuldade, a burocracia. Estas dificuldades vão ao encontro de alguns problemas mencionados por Doran Zar, (2009, p. 6), tais como a discriminação, os problemas linguísticos e culturais, a nostalgia e a solidão. As duas opções mais selecionadas entre as dificuldades sentidas foram: Entender a organização académica e Acesso aos recursos e serviços da instituição são dificuldades que podem estar relacionadas com problemas linguísticos e culturais. Como já verificamos, o fator língua é um dos fatores considerado pelos estudantes internacionais ao escolher uma universidade (ver subcapítulo 1.3 – os estudantes e a internacionalização). Além disso, um estudo realizado a estudantes internacionais numa Universidade em Austrália por Sawir (2005, p.569) concluiu que a língua é um dos principais problemas.

Tabela 7 – Dificuldades sentidas na UA

Versão portuguesa	Versão inglesa
Entender a organização académica	Entender a organização académica
Acesso a recursos e serviços da instituição	Acesso a recursos e serviços da instituição
Relacionamento com os colegas	Barreiras linguísticas
Outra opção: dificuldade em entender os procedimentos iniciais (documentos a entregar)	Outra opção: Burocracia; demasiada burocracia na utilização do cartão de multibanco e da conta bancária.

Relativamente à persistência das dificuldades, na versão portuguesa, a maioria referiu que já ultrapassou essas dificuldades, o mesmo se verifica na versão inglesa. As dificuldades que persistem, aos respondentes em português (ver gráfico 26), foram: Relacionamento com colegas, Discriminação, Barreiras linguísticas e Acesso a recursos e serviços da instituição. Um inquirido referiu que não existe uma boa comunicação dentro dos grupos de trabalho. Já na versão inglesa (ver gráfico 58), os mesmos referiram Acesso a recursos e a serviços da instituição, Barreiras linguísticas, Discriminação, Questões de saúde, Relacionamento com os colegas e também assinalaram, como outras opções, questões burocráticas, e demasiada burocracia em relação às contas bancárias e cartões visa. Estes resultados vão de encontro a alguns problemas referidos por Yeh e Inose (2003, p. 16) que citam, baseados em diversos autores, que os alunos internacionais enfrentam vários obstáculos, como problemas interpessoais, económicos, saudades da terra natal, barreiras linguísticas, entre outros.

No que concerne aos apoios específicos fornecidos pela UA realizaram-se duas questões. A maioria, nos dois questionários, respondeu que conhece os apoios. Os mais conhecidos são o apoio pedagógico e o apoio médico.

Relativamente à integração na instituição, a maior parte dos inquiridos declararam sentirem-se integrados. Acerca da pergunta “o que entendem por integração”, os inquiridos ofereceram um conjunto variado de respostas que refletem ideias semelhantes, resumidamente, a ideia de liberdade, pertença e não discriminação.

Relativamente às expectativas futuras dos inquiridos, em ambos os questionários, a maioria selecionou a escala “Gosta” e “Gosta muito” de Aveiro. Na versão portuguesa três inquiridos responderam que detestam Aveiro, já na inglesa não existiu ninguém que exprimisse esse sentimento. A quem afirmou que gostava ou gostava muito de viver em Aveiro, foi questionado sobre o respetivo motivo. A maioria refere que Aveiro é uma cidade calma, bonita, segura, com bom estilo de vida, bom clima, boa mobilidade e a língua é também importante. Os alunos que responderam negativamente a essa pergunta foram questionados sobre o porquê de não gostarem de viver em Aveiro. Na versão portuguesa do inquérito, a maioria selecionou Relacionamento com as pessoas e Distância da família. Já na versão em inglês, as opções mais apontadas foram: Relacionamento com pessoas, Língua, Clima e também outra opção. Uma pessoa referiu a sua própria opção, mencionou que os professores não sabem falar muito bem inglês e que a metodologia de ensino não é boa, que se sente como no ensino secundário e que a UA não está preparada para receber os estudantes

internacionais. Os fatores positivos acerca de Aveiro estão em consonância com os resultados que se obtiveram na questão de “o que o levou a escolher Portugal?”. A maioria selecionou o Clima, Estilo de vida e Língua, fatores que dão resposta ao que está apresentado na tabela 8. Acerca dos fatores negativos de viver em Aveiro, alguns coincidem com a questão acerca das dificuldades sentidas pelos estudantes da UA (tabela 7). Neste ponto, uma vez mais, o fator da língua persiste.

Tabela 8 - Fatores positivos/negativos sobre viver em Aveiro

GOSTA DE VIVER EM AVEIRO	
Fatores positivos	Fatores negativos
Cidade calma, bonita e segura	Relacionamento com pessoas
Bom estilo de vida, clima e mobilidade	Distância da família
Língua	Língua
	Clima
	Professores não sabem falar muito bem inglês Metodologia de ensino não é a mais adequada

Para finalizar o questionário, perguntou-se aos alunos se pretendiam ficar em Portugal quando terminassem os estudos. Na versão portuguesa, a maioria prefere voltar para o seu país de origem (48,1%), há quem ainda não saiba (37%) e uma minoria pretende ficar em Portugal (14,8%). Na versão inglesa, a maioria não sabe ainda (50%), outra parte não pretende ficar (33%) e uma minoria pretende ficar em Portugal (17%). Estes resultados estão em consonância com o pensamento de Doran Zar (2009, p. 1) que defende que a maioria dos estudantes internacionais preferem voltar para o seu país de origem depois de finalizarem os seus estudos. Os motivos referidos pelos inquiridos para ficarem em Portugal são que é um bom país para ter uma experiência profissional e consideram um país calmo com boas pessoas.

4.3 Recomendações para a UA

Com a realização do inquérito por questionário obteve-se alguns dados que poderão ser úteis à UA no seu processo de internacionalização, nomeadamente na sua capacidade de atrair e integrar cada vez mais estudantes internacionais.

Os inquiridos revelam que a boa oferta formativa e a boa reputação da UA foram os fatores que influenciaram as suas decisões e escolhas. Como já foi mencionado, a UA administra cursos superiores universitários e politécnicos em diversas áreas de conhecimento como: Artes e Humanidades, Ciências da Engenharia e Tecnologias, Ciências Económicas e Sociais, Ciências Exatas e Naturais, Ciências e Tecnologia da Saúde e Educação. Ao nível do grau académico administrado, são um total de 43 licenciaturas, 52 mestrados, 10 mestrados integrados e 46 programas doutorais, ademais, formação não conferente de grau: 16 cursos técnicos superiores profissionais, 13 cursos de especialização e um curso de formação avançada (UA online, 2018). Pode-se afirmar que a UA tem uma vasta oferta formativa em diversas áreas.

A UA perante os alunos internacionais é uma instituição com uma boa reputação, em parte devido a sua boa classificação em rankings internacionais, tais como: Times Higher Education, University Impact Ranking, CWTS Leiden Ranking, THE World University Rankings, Ranking do Academic Ranking of World Universities (ARWU), entre outros.

No entanto, os questionários revelaram algumas dificuldades que a UA poderia ter em consideração, nomeadamente as dificuldades que os estudantes indicam relacionadas com o acolhimento, o acesso a recursos da instituição e entender a organização académica (horários, departamentos...). O fator língua parece ser influente em muitos aspetos, tanto ao nível de motivações, como dificuldades, indicando que uma reflexão mais profunda sobre as questões linguísticas será de recomendar. Questões interculturais, como relacionamento entre colegas, eventual sentido de discriminação, diferenças culturais, entre outras, merecem ainda a atenção da UA.

No ano letivo em que foram enviados os questionários, 2016/2017, a maioria dos respondentes não obtiveram qualquer apoio por parte da universidade e da sua associação académica. Este será outro aspeto a ser considerado pela universidade para captar mais alunos internacionais.

A persistência das dificuldades nos inquiridos do questionário em português e em inglês poderá estar relacionada com a língua, uma vez que apontam o relacionamento com os

colegas, a discriminação, as barreiras linguísticas, o acesso aos serviços e aos recursos da UA, entre outras.

Atualmente, a UA já dispõe de um espaço, chamado UA_Intercultural, onde orienta os estudantes de nacionalidade estrangeira, no apoio e esclarecimento de dúvidas, nomeadamente, ajudando na resolução de questões da área académica, acessibilidades, apoios sociais, entre outros, bem como na articulação com as diversas estruturas locais na regularização da situação em Portugal.

Por último, sugere-se que a UA poderá melhorar algumas áreas de intervenção, tais como o acesso aos serviços e aos recursos da UA e aperfeiçoar a organização académica (horários, departamentos, etc.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As motivações e as dificuldades dos alunos internacionais sempre despertaram o meu interesse pelo facto de ter convivido com este público e ter vivenciado várias experiências. Também tenho consciência de que a internacionalização é um tema de crescente importância e bastante debatido no ensino superior, tendo muitas implicações para o dia-a-dia das instituições. Daí a realização da presente dissertação “Os alunos internacionais na UA – motivações e dificuldades”.

Para a realização deste estudo foi necessário efetuar uma revisão da literatura para a fundamentação da parte teórica e para a execução de um estudo empírico em que se construiu e se aplicou um inquérito por questionário aos estudantes estrangeiros da UA. Este instrumento foi realizado em duas versões para ser mais facilmente interpretado pelo público que o preencheu. Com este questionário obteve-se várias respostas, provavelmente influenciadas pelos dados demográficos dos inquiridos, como a nacionalidade. Na globalidade, algumas nacionalidades coincidem nas duas versões dos questionários.

Em relação às motivações dos estudantes, constatou-se que a UA foi a primeira opção para a maioria dos respondentes. A percentagem que afirma que a UA foi a sua primeira opção é maior no questionário em português do que no questionário em inglês, indicando talvez uma preferência maior entre falantes da língua portuguesa. Os motivos que levaram a seleccionar a UA, com maior influência foram a oferta formativa e a reputação da instituição. A UA é uma universidade com uma vasta oferta formativa e a boa reputação é em parte devido à sua boa posição em rankings internacionais. Em ambas as versões, a maioria dos inquiridos à chegada a Portugal não receberam qualquer apoio proveniente da UA ou da sua associação académica.

No ponto relativo às dificuldades, as mais sentidas entre os respondentes foram o funcionamento da organização académica e o acesso aos recursos e serviços da instituição, que poderão estar relacionadas com problemas culturais e linguísticas. Acerca da persistência das dificuldades, no inquérito em língua portuguesa e em língua inglesa a maioria já ultrapassou essas dificuldades. Sobre a integração na instituição a maioria dos inquiridos referem que se sentem integrados. Acerca dos fatores negativos de viver em Aveiro, estes resultados vão de encontro aos obtidos na questão das dificuldades sentidas na UA, uma vez mais o fator da língua persiste.

Relativamente ao estudo realizado, é possível identificar alguns pontos fortes e fracos. Um dos pontos fortes desta investigação prende-se com a vasta literatura existente sobre o tema, que apesar de ser atual, já tem sido muito explorado pelos investigadores. Outro ponto forte está associado às respostas dadas pelos inquiridos que foram claras e concisas, o que possibilitou retirar algumas conclusões acerca dos objetivos do estudo.

Quanto aos pontos fracos, estes também existem. Um deles foi a não realização de entrevistas a estudantes internacionais, o que possibilitava esclarecer ainda mais esta problemática no mundo universitário. Acrescenta-se, ainda, que o número de inquiridos preenchidos foi reduzido; o questionário foi enviado para mil cinquenta e sete estudantes internacionais e apenas 60 responderam, constituindo este facto outro ponto menos forte.

Esta investigação pode sugerir futuras investigações no âmbito da vivência dos estudantes internacionais na UA, no sentido de explorar esta realidade mais de perto e identificar mais aspetos a serem melhorados de forma a ajudar este público. Outra possibilidade de investigação será verificar se atualmente o funcionamento de certos serviços da UA já foram alterados, e se os estudantes internacionais continuam a sentir dificuldades.

Nesta perspetiva, sugere-se que a UA se debruce sobre como atrair e acolher ainda mais estudantes internacionais e melhorar a experiência destes na instituição. Em particular, seria relevante considerar a utilização da língua inglesa no funcionamento dos seus serviços e recursos, ou seja, ter os seus serviços e recursos em língua inglesa para assim melhorar o acesso pelos estudantes internacionais. No que concerne à organização académica (horários, departamentos, etc.), seria importante investir nesta área e tentar perceber quais os obstáculos em entender a organização académica e melhorá-los. Outro aspeto que seria uma mais-valia para os estudantes internacionais é a realização de uma “Semana Internacional de Estudantes”, ou seja, os estudantes internacionais possam apresentar o seu país e exibir certos aspetos da sua cultura. Na Escola Superior Tecnologia e Gestão de Águeda (ESTGA), é realizado um evento desta natureza, com o nome “ESTGA – Multicultural”, onde os estudantes internacionais apresentam a cultura do seu país, evento que tem revelado grande adesão e que poderia ser alargado ao resto da UA. Outro ponto seria aumentar a frequência dos relatos dos estudantes internacionais no jornal *online* da UA, e noutros fóruns de divulgação de notícias e informação geral, para que assim a comunidade académica possa familiarizar-se mais com a presença e as realidades destes públicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agnew, M. & Van Balkom, D.W. (2009). Internationalization of the university: factors impacting cultural readiness for organizational change. *Intercultural Education*, 20 (5), 451 – 462. URL: https://www.researchgate.net/publication/233450979_Internationalization_of_the_university_factors_impacting_cultural_readiness_for_organizational_change (Consultado em junho de 2017).
- AICEP Portugal Global. (2017). *A Crescente Internacionalização do Ensino Superior Português*. Porto: Portugal Global
- Altbach, P. G., Reisberg, L. & Rumbley, L. E. (2009). *Trends in Global Higher Education: Tracking an Academic Revolution*. Paris: UNESCO.
- Barker, M. (2011). *The GIHE Good Practice Guide to Internationalising the Curriculum*. Brisbane: Griffith Institute for Higher Education.
- Bastos, C. (2007). O processo de Bolonha no Espaço Europeu e a Reforma Universitária. *ETD-Educação Temática Digital, Campinas*, 9, 95-106. URL: <http://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/7343> (Consultado em julho de 2017).
- Bordean, N.O. & Borza. A. (2013). Internationalization of Higher Education Institutions: the Case of Romania. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 92, 98-103. URL: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042813027742> (Consultado em julho de 2017).
- Brandenburg, U. & de Wit, H. (2011). The End of Internationalization. *International Higher Education*, (62). URL: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/8533/7667> (Consultado em julho de 2017).
- Brandley, G. (2000). Responding effectively to the mental health needs of international students. *Higher Education*, 39 (4). URL: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1003938714191#aboutcontent> (Consultado em janeiro de 2018).
- Centro de Informação Europeia Jacques Delors. (2017). Estratégia de Lisboa. URL: http://www.euroid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe_area?p_cot_id=5321&p_est_id=11379 (Consultado junho de 2017).

Chen, P. C. (1999). Common stressors among international college students: Research and counseling implications. *Journal of College Counseling*, 2, 49–65.

Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas – CRUP. (2017). Quem Somos. URL: <http://www.crup.pt/quem-somos/> (Consultado em agosto de 2018).

Costa, D. (2019). Diversidade Cultural na Universidade em Portugal: Tendências e Desafios. In *Diversidade no Ensino Superior*. S. Gonçalves., J. J. Costa. (Ed.), *Diversidade no Ensino Superior* (pp. 11–36). Coimbra: CINEP/IPC

Deardorff, D. K. (2006). Identification and assessment of intercultural competence as a student outcome of internationalization. *Journal of Studies in International Education*, 10 (3), 241–266.

Deardorff, D. K. (2004). *The identification and assessment of intercultural competence as a student outcome of internationalization at institutions of higher education in the United States*. (Doctoral dissertation, North Carolina State University). URL: <https://repository.lib.ncsu.edu/handle/1840.16/5733> (Consultado em junho de 2017).

Decreto-lei n.º 36/2014 (2014) Regula o estatuto do estudante internacional. Diário da República n.º 48/2014, 1ª série de 2014-03-10. Ministério da Educação e Ciência

DGES. (2019). Sistema de Ensino Superior Português. URL: <https://www.dges.gov.pt/pt/pagina/sistema-de-ensino-superior-portugues?plid=371> (Consultado em agosto de 2019).

Direção – Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC). (2018). Ensino Superior - 5.13. Estabelecimentos, segundo o tipo e natureza de ensino, por NUTS I e II (2017/18). URL: http://w3.dgeec.mec.pt/dse/eef/indicadores/Indicador_5_13.asp (Consultado em novembro de 2018).

Direção – Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC). (2017). Inscritos, por sexo, em Portugal (2000/01 a 2016/17). URL: http://w3.dgeec.mec.pt/dse/eef/indicadores/Indicador_5_5.asp (Consultado em fevereiro de 2018).

De Wit, H. (2011). *Trends, Issues and Challenges in Internationalisation of Higher Education*. Amsterdam: Centre for Applied Research on Economics & Management, School of Economics and Management of the Hogeschool van Amsterdam.

European Commission. (2006). Delivering on the modernization agenda for universities: Education, research and innovation. COM 208, 1-16. URL: <http://eur->

lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2006:0208:FIN:en:PDF (Consultado em agosto de 2017).

Gregersen-Hermans, J. (2015). The Impact of Exposure to Diversity in the International University Environment and the Development of Intercultural Competence in Students. In A. Curai, L. Matei, R. Pricopie, J. Salmi & P. Scott (Eds.), *The European Higher Education Area: Between critical reflections and future policies* (pp.73-92). Dordrecht: SpringerOpen.

Grupo Universidade de Aveiro. (2017) *Relatório de Gestão e Contas 2017*. URL: <https://www.ua.pt/conselhogeral/page/15439> (Consultado em maio de 2019).

Hanassab, S. (2006). Diversity, International Students, and Perceived Discrimination: Implications for Educators and Counselors. *Journal of Studies in International Education*, 10(2), 157-172. URL: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1028315305283051> (Consultado em dezembro de 2017).

Klemencic, M. & Fried, J. (2007). Demographic Challenges and the future of the Higher Education. *International Higher Education*, (47), 12-14.

Knight, J. (2008). *Higher Education in Turmoil. The Changing World of Internationalization*. Rotterdam: Sense Publishers.

Knight, J. (2010). Internationalization and the Competitiveness Agenda. In L. Portnoi., V. Rust. & S. Bagley (Eds), *Higher Education, Policy and the Global Competition Phenomenon* (pp.205-218). United States: Palgrave Macmillan.

Knight, J. (2004). Internationalization Remodeled: Definition, Approaches, and Rationales. *Journal of Studies in International Education*, 8 (1), 5-31.

Knight, J. (1999). Issues and Trends in Internationalization: A Comparative Perspective. In S. Bond & J. Lemasson (Eds.), *A new world of Knowledge: Canadian universities and globalization* (201-238). Ottawa, Canada: International Development Research Centre.

Li, Y, R., & Kaye, M. (1998). Understanding Overseas Students' Concerns and Problems. *Journal of Higher Education Policy and Management*, 20(1), 41-50.

Mazzarol, T. & Soutar, G.N. (2001). Push-Pull Factors Influencing International Student Destination Choice. *Centre for Entrepreneurial Management and Innovation*, 1-14. URL: <http://www.cemi.com.au/sites/all/publications/CEMI%20DP0105%20Mazzarol%20and%20Soutar%202001.pdf> (Consultado em julho de 2017).

Ministério da Educação e Ciência (MEC). (2014). *Uma Estratégia para a Internacionalização do Ensino Superior Português: Fundamentação e Recomendações*. Lisboa. URL:

<http://www.portugal.gov.pt/media/1545745/201450926%20mec%20Internacionalizacao%20Ensino%20Superior.pdf> (Consultado em julho de 2017).

Mizikaci, F. & Baumgartl, B. (2015). Demographic Trends and Risks for European Higher Education. *International Higher Education*, 15-16. URL: https://www.researchgate.net/publication/313417179_Demographic_Trends_and_Risks_for_European_Higher_Education (Consultado em agosto de 2019).

Mori, S. (2000). Addressing the Mental Health Concerns of International Students. *Journal of Counseling e Developmen*, 78 (2). 137-144.

Mosneaga, A., & Agergaard, J. (2012). Agents of internationalisation? Danish universities' practices for attracting international students. *Globalisation, Societies and Education*, 10 (4), 519-538.

OECD. (2009). *Higher Education to 2030*. France: OECD.

Pimpa, N. (2005). A family affair: The effect of family on Thai students' choices of international education. *Higher Education - The International Journal of Higher Education Research*, 49(4), 431-448.

Pordata - Base de Dados Portugal Contemporâneo. (2018). Alunos matriculados no ensino superior. URL: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela> (Consultado em agosto de 2018).

Poyrazli, S., & Lopez, D. M. (2007). An Exploratory Study of Perceived Discrimination and Homesickness: A Comparison of International Students and American Students. *The Journal of Psychology*, 141(3), 263-280.

Quezada, L. R. (2010). Internationalization of teacher education: creating global competent teachers and teacher educators for the twenty-first century. *Teaching Education*, 21 (1), 1-5.

Ramphel, M., Crush, J. & McDonald, D. (1999). *Immigration & Education: International Students at South African Universities and Technikons*. Canada: SAMP. URL: <http://samponline.org/wp-content/uploads/2016/10/Acrobat12.pdf> (Consultado em junho de 2017).

Roga, R., Lapina, I. & Müürsepp, P. (2015). Internationalization of Higher Education: Analysis of Factors Influencing Foreign Students' Choice of Higher Education Institution.

Procedia - Social and Behavioral Sciences, 213, 925-930. URL: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042815058619> (Consultado em janeiro de 2018).

Rosa, M. J., Veiga, A. & Amaral, A. (2004). Portugal. In J. Huisman & M. Van der Wende (Eds), *On Cooperation and Competition National and European Policies for the Internationalization of Higher Education* (pp. 139-163). Bonn: Lemmens.

Sawir, E. (2005). Language difficulties of international students in Australia: The effects of prior learning experience. *International Education Journal*, 6(5), 567-580. URL: <https://eric.ed.gov/?id=EJ855010> (Consultado em março de 2018).

Schwald, R. (2012). Toward a New Practice of Internationalization: a case study on a short-term study abroad program at European Institutions of higher education. *Review of European Studies*, 4(2), 44-55. URL: https://www.researchgate.net/publication/262259549_Toward_a_New_Practice_of_Internationalization_A_Case_Study_on_a_Short-Term_Study_Abroad_Program_at_European_Institutions_of_Higher_Education (Consultado em junho de 2017).

Serafim, P. M. (2011). O processo de mercantilização das instituições de educação superior: um panorama do debate nos EUA, na Europa e na América Latina. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 16(2), 241-265. URL: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772011000200002&script=sci_arttext (Consultado em julho de 2017).

Sherry, M., Thomas, P. & Chui, W. H. (2010). International students: a vulnerable student population. *Higher Education - The International Journal of Higher Education Research*, 60(1), 33-46.

Siufi, G. (2009). Cooperación Internacional e Internacionalización de la Educación Superior. *Educación superior y sociedad*, (1), 121-145.

Smith, A. R. & Khawaja, G. N. (2011). A review of the acculturation experiences of international students. *International Journal of Intercultural Relations*, 35, 699-713.

Söderqvist, M. (2007). *Internationalisation and its Management at Higher-Education Institutions*. Helsinki: Helsinki School of Economics.

Stromquist, P. N. (2007). Internationalization as a response to globalization: Radical shifts in university environments. *Higher Education - The International Journal of Higher Education Research*. 53(1). 81-105.

Sümer, S., Poyrazli, S. & Grahame, K. (2008). Predictors of Depression and Anxiety among International Students. *Journal of Counseling & Development*, 86, 429-437.

Thomson, G., Rosenthal, D. & Russell, J. (2006). Cultural Stress among International Students at an Australian University. *Australian International Education Conference 2006*, 1-8. URL:

[http://aiec.idp.com/uploads/pdf/Thomson%20\(Paper\)%20Fri%201050%20MR5.pdf](http://aiec.idp.com/uploads/pdf/Thomson%20(Paper)%20Fri%201050%20MR5.pdf)

(Consultado em dezembro de 2017).

Trilokekar, D. R. (2007). *Federalism, foreign policy and the internationalization of higher education: A case study of the international academic relations division, department of foreign affairs and international trade, Canada* (Doctoral Dissertation, University of Toronto). URL:

<https://search.proquest.com/dissertations/docview/304760120/previewPDF/73C178900D6D4D8CPQ/1?accountid=26357> (Consultado em junho de 2017).

Universidade de Aveiro (2017). Entrevista com o Reitor Manuel António Assunção. In Universidade de Aveiro (Ed.), *Linhas #028, Revista da Universidade de Aveiro* (pp.27-33).

Universidade de Aveiro (2019). Mestrados. URL: <https://www.ua.pt/#/pt/cursos/g/4> (Consultado em agosto de 2019).

Universidade de Aveiro (2017). Serei um Estudante Internacional. URL: <https://www.ua.pt/internationalstudent/PageText.aspx?id=18447> (Consultado em dezembro de 2018).

Yeh, J.C. & Inose, M. (2003). International students' reported English fluency, social support satisfaction, and social connectedness as predictors of acculturative stress. *Counselling Psychology Quarterly*, 16(1), 15-28.

Zar, D. (2009). *International students from Africa: The impact that living in South Africa has on one's sense of identity*. (Master's thesis, Faculty of Humanities, University of the Witwatersrand, Johannesburg). URL: <http://wiredspace.wits.ac.za/handle/10539/9404> (Consultado em junho de 2017).

Zolfaghari, A., Sabran, S. M. & Zolfaghari, A. (2009). Internationalization of higher education: Challenges, strategies, policies and programs. *US-China Education Review*, 6 (5), 1-9. URL: <https://eric.ed.gov/?id=ED505713> (Consultado em abril de 2017).

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

O presente inquérito faz parte de um trabalho de investigação com o título "Os alunos internacionais na Universidade de Aveiro – motivações e dificuldades". O principal objetivo do questionário é identificar o público-alvo, as motivações que levaram os alunos a escolher a Universidade de Aveiro e as dificuldades que enfrentaram ou enfrentam nesta instituição. Gostaria de pedir o seu contributo respondendo às questões que a seguir se apresentam. A participação neste estudo é voluntária. As suas respostas são anónimas e todos os dados recolhidos serão tratados com a máxima confidencialidade.

Muito obrigada pela sua colaboração!

*Obrigatório

DADOS DEMOGRÁFICOS E ACADÉMICOS

1. Sexo: *

Marcar apenas uma oval.

- Masculino
 Feminino

2. Idade: *

3. Nacionalidade: *

4. Estado Cívil: *

Marcar apenas uma oval.

- Casado
 Divorciado
 Solteiro
 Viúvo

5. Atualmente é estudante de: *

Marcar apenas uma oval.

- Licenciatura
 Mestrado
 Doutoramento
 CTESP (curso técnico superior profissional)
 Outra: _____

6. Em que país realizou o ensino secundário? *

7. Já residia em Portugal antes de ingressar na Universidade de Aveiro? *

Marcar apenas uma oval.

Sim *Passe para a pergunta 8.*

Não *Passe para a pergunta 9.*

Parte 2

8. Se sim, há quanto tempo?

Pare de preencher este formulário.

Parte 3

9. Quando começou a estudar na Universidade de Aveiro? *

10. Área de Estudos: *

11. Já integrou algum programa de mobilidade? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

FATORES OU RAZÕES DE PROSSEGUIR OS ESTUDOS SUPERIORES NO ESTRANGEIRO

12. A Universidade de Aveiro foi a sua primeira opção? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

13. Se não foi, qual foi a sua primeira opção?

14. Algum membro da sua família frequentou a Universidade de Aveiro? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

15. Se sim, qual o grau de parentesco (ex: mãe, pai, irmã, irmão...)?

16. Tem algum membro familiar ou amigo que resida em Aveiro? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

17. O que levou a escolher Portugal? (Escolha no máximo 3 fatores) *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Língua
- Clima
- Custo de vida
- Estilo de Vida
- Já tinha visitado o país anteriormente
- Recomendação (amigos, professores, família,...)
- Outra: _____

18. Quais as motivações que o levaram a selecionar a Universidade de Aveiro? (Escolha no máximo 3 fatores) *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Empregabilidade
- Família e amigos
- Língua
- Localização
- Motivos financeiros
- Oferta formativa
- Relações interpessoais
- Reputação da instituição
- Outra: _____

ENQUADRAMENTO SOCIAL/INSTITUCIONAL

19. Atualmente, quais os meios de financiamento do que usufrui? *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Bolsa de Estudo
- Trabalho Renumerado
- Família/parentes
- Outra: _____

20. De momento, recebe bolsa de estudo? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

21. Se sim, qual a origem da bolsa de estudo?

Marcar tudo o que for aplicável.

- Governo de Portugal
 Governo do país de origem
 Governo municipal
 Empresa
 Outra: _____

22. À chegada a Portugal recebeu algum apoio por parte da instituição ou da associação académica da Universidade de Aveiro? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

23. Quais foram/são as dificuldades que encontrou/encontra como estudante da Universidade de Aveiro? (Escolha no máximo 3 fatores) *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Acesso a recursos e serviços da instituição
 Entender a organização académica (horários, departamentos, etc.)
 Barreiras linguísticas
 Discriminação
 Integração social
 Questões de saúde
 Relacionamento com colegas
 Relacionamento com professores
 Nenhuma
 Outra: _____

24. Atualmente sente essas dificuldades *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

25. Se sim, quais as dificuldades que sente?

Marcar tudo o que for aplicável.

- Acesso a recursos e serviços da instituição
- Entender a organização académica (hóraros, departamentos, etc.)
- Barreiras linguísticas
- Discriminação
- Integração social
- Questões de saúde
- Relacionamento com colegas
- Relacionamento com professores
- Nenhumas
- Outra: _____

26. Conhece os apoios fornecidos pela Universidade de Aveiro ao aluno? (ex: apoio pedagógico, médico, psicológico, alojamento, financeiro...)*

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

27. Se sim, quais conhece?

Marcar tudo o que for aplicável.

- Apoio pedagógico
- Apoio médico
- Apoio psicológico
- Apoio no alojamento
- Apoio financeiro
- Bolsa de mérito social
- Outra: _____

28. Sente-se integrado na Universidade de Aveiro? *

Marcar apenas uma oval.

- | | | | | | | |
|---------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Não integrado | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Bem integrado |

29. O que entende por "integração"? *

EXPETATIVAS FUTURAS

30. Gosta de viver em Aveiro? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Detesta	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Gosta muito

31. Se gosta de viver em Aveiro, quais são as razões?

32. Se não, qual o motivo para sua insatisfação?

Marcar tudo o que for aplicável.

- Adaptação à alimentação
- Clima
- Discriminação
- Distância da família
- Língua
- Motivos financeiros
- Questões de saúde
- Relacionamento com as pessoas
- Outra: _____

33. Depois de terminar os estudos pretende ficar em Portugal? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Ainda não sabe

34. Se sim, porquê?

QUESTIONNAIRE

This questionnaire is part of ongoing study entitled: "The International Students in University of Aveiro - motivations and difficulties". The main objective of the questionnaire is to characterize the target audience, and identify the motivations that led the students to choose the University of Aveiro and the difficulties they face or have faced in this institution. I would like to ask for your input by answering the following questions that are presented. The participation in this study is voluntary. Your answers are anonymous and all the data collected will be treated with maximum confidentiality and only in the scope of this work.

Thank you for your cooperation!

*Required

DEMOGRAPHICS AND ACADEMIC DATA

1. Sex: *

Mark only one oval.

- Male
 Female

2. Age *

3. Nationality: *

4. Marital Status: *

Mark only one oval.

- Married
 Divorced
 Single
 Widower

5. Currently, you are a student on a ...? *

Mark only one oval.

- Licenciatura Degree
 Master Degree
 Doctoral Programme
 HPTC (higher professional technical course)
 Other: _____

6. In which country did you complete your secondary education? *

7. Did you live in Portugal before entering the University of Aveiro? *

Mark only one oval.

- Yes Skip to question 8.
 No Skip to question 9.

Part 2

8. If so, for how long?

Stop filling out this form.

Part 3

9. When did you start studying at the University of Aveiro? *

10. Area of studies? *

11. Have you participated previously in any mobility program? *

Mark only one oval.

- Yes
 No

FACTORS OR REASONS FOR STUDYING ABROAD

12. Was the University of Aveiro your first choice? *

Mark only one oval.

- Yes
 No

13. If not, what was your first choice?

14. Has any member of your family attended the University of Aveiro? *

Mark only one oval.

- Yes
 No

15. If yes, what is their relationship with you (e.g. mother, father, sister, brother,... ?)

16. Do you have a family member or friend who lives in Aveiro? *

Mark only one oval.

Yes

No

17. What led you to choose Portugal as your study destination? (Choose a maximum of three factors) *

Tick all that apply.

Language

Climate

Cost of living

Lifestyle

Previous visit to the country

Recommendation (friends, teachers, family, ...)

Other: _____

18. What led you to choose the University of Aveiro? (Choose a maximum of three factors) *

Tick all that apply.

Employability

Family or friends

Language

Location

Financial reasons

Educational offer

Interpersonal relationships

Institution's reputation

Other: _____

SOCIAL/INSTITUTIONAL FRAMEWORK

19. At the moment, what means of financing do you enjoy? *

Tick all that apply.

Scholarship

Job

Family/relatives

Other: _____

20. Do you currently receive a scholarship? *

Mark only one oval.

Yes

No

21. If so, what is the origin of the scholarship?

Tick all that apply.

Portuguese Government

Government of your country of origin

Local government/municipality

Business/company

Other: _____

22. On arrival in Portugal did you receive any support from the institution or the academic association of the University of Aveiro? *

Mark only one oval.

Yes

No

23. What difficulties did you encounter as a student at the University of Aveiro? (Choose a maximum of three factors) *

Tick all that apply.

Access to institutional resources and services

Understanding the academic organization (timetabling, departments, ...)

Language barriers

Discrimination

Social integration

Health Issues

Relationships with colleagues

Relationships with teachers

None

Other: _____

24. Do you still experience these difficulties? *

Mark only one oval.

Yes

No

25. If yes, what difficulties do you still experience?

Tick all that apply.

- Access to institutional resources and services
- Understanding the academic organization (timetabling, departments, ...)
- Language barriers
- Discrimination
- Social integration
- Health Issues
- Relationships with colleagues
- Relationships with teachers
- None
- Other: _____

26. Do you know what kind of support is provided for students by the University of Aveiro? (e.g. pedagogical, medical, psychological, accommodation, financial...) *

Mark only one oval.

- Yes
- No

27. If so, which ones do you know?

Tick all that apply.

- Pedagogical support
- Medical support
- Psychological support
- Accommodation support
- Financial support
- Merit-based grant
- Other: _____

28. Do you feel integrated in the University of Aveiro? *

Mark only one oval.

	1	2	3	4	5	
Not integrated	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Well integrated

29. What you understand by "integration"? *

FUTURE EXPECTATIONS

30. Do you like living in Aveiro? *

Mark only one oval.

	1	2	3	4	5	
I hate	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	I like a lot

31. If you do like living in Aveiro, what are the reasons for this?

32. If not, what are the reasons for this?

Tick all that apply.

- Food
- Climate
- Discrimination
- Distance from your family
- Language
- Financial reasons
- Health issues
- Relationships with people
- Other: _____

33. After finishing your studies do you intend to stay in Portugal? *

Mark only one oval.

- Yes
- No
- I don't know yet

34. If yes, why?
